



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ARMANDO NA IONGNA

O CASAMENTO NA ETNIA BALANTA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

ARMANDO NA IONGNA

O CASAMENTO NA ETNIA BALANTA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Tacilla da Costa e Sá Siqueira Santos.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

I52c

Iongna, Armando Na.

O casamento na etnia Balanta : tradição e modernidade / Armando Na Iongna. - 2019.
56 f. : il. color.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tacilla da Costa e Sá Siqueira Santos.

1. Balanta (Grupo étnico) - Guiné-Bissau. 2. Cerimônias de casamento - Guiné-Bissau.
3. Etnologia - Guiné-Bissau. I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 392.509665

ARMANDO NA IONGNA

O CASAMENTO NA ETNIA BALANTA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Monografia apresentada ao Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 05/04/2019.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tacilla Da Costa e Sá Siqueira Santos (Orientadora)

Graduada em Comunicação Social e Doutora em Administração.

Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Bruno Amaral Andrade

Graduado em Direito e Doutor em Sociologia.

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Paulo Gomes Vaz

Graduado em Ciências Sociais e Doutor em Ciências Sociais.

Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter concedido a dádiva nessa vida terrena, e aos meus pais, pelo apoio e coragem que têm me dado na realização deste trabalho. Se aqui hoje estou é graças ao esforço e dedicação que tiveram.

Agradeço aos familiares, amigos, técnicos administradores e professores da Unilab, e a todos os funcionários e colaboradores que atuam na mesma instituição, sobretudo a minha magnífica orientadora **Profa. Dra. Tacilla Siqueira**, pela paciência, sinceridade e estímulo mostrados a mim durante a realização deste trabalho.

Agradeço a minha Tia Francisca Correia Nantchia, e o meu Tio, Mangla Correia Nantchia, que de vez em quando liga para mim mostrando a sua preocupação e complacência para comigo. Sempre serei grato a eles. Agradeço às pessoas que me concederam as entrevistas na Guiné-Bissau para a feitura da minha pesquisa, entre os quais temos: Rosa Ntambé, Bieinhe Quebi, Feliciano Sifna, Vladimir Intungo, Bitobé Bedinca, Quinta Buata, Budol, Na Iongna.

Se não agradecesse a UNILAB estaria a ser ingrato, pelo ambiente que me proporcionou através dos seus brilhantes professores e a todos os técnicos e os administrativos que todo dia dedicam suas vidas para o funcionamento da instituição.

Agradeço ao governo de Luís Inácio Lula da Silva por ter criada a UNILAB, que com efeito faz a intergração, entre o Brasil e os países Africanos da língua oficial Portuguesa, incluindo Timor-Leste. Tem sido um prazer e uma honra ser estudante desta instituição, pois a Unilab fez com que eu começasse a pensar de outra forma no que concerne à África e aos negros. A minha visão sobre o mundo está cada dia a sofrer transformações, a despeito de ser um iniciante na vida académica e de não ter, por enquanto, uma visão ampla no que tange à análise das situações do mundo.

Também Gostaria de agradecer de novo todos aos meus colegas da nossa entrada 2017.1, em particular dois deles que compartilham comigo a mesma casa no Brasil, Iero Cande e Homem Matcho G. Mustasse, e, em especial, aos que dia a dia batalharam comigo nas mesmas salas de aula: Aparicio Marques Vieira, Adelino Nanque, Avelino Vilela, Aua Sila, Aua Cassamá, Euclides Gomes da Silva, Epifania A. Gomes da Silva, Jacira Nhaga, Julio Cam-nate Quicassum, Dauda Uali, Terezinha Gomes Insul, Fino Vessam Mendes.

Aos meus queridos irmãos, Bidol Na Iongna, Tai Correia Nantchia, Julio Na Iongna, Diana Correia Nantchia, Lidia Correia, Nhara Na Iongna, Isna Gabriel Sia, Feliciano Sifna Sorte Na Iongna, Vitória Sia, Castigo Na Iongna, Quidete Sana Ntec, Bitobe Bedinca, Elania Vaz, Segunda Na Iongna, Hirge Na Iongna, Winda Neque. E a todos que colaboraram de uma

forma direta ou indireta na realização desse trabalho. Foram peças cruciais, importantes, e sem vocês não teria conseguido cumprir as matérias.

No que concerne à tradição Africana, quando uma pessoa está viva é porque possui os que lhe estão dando força **Arxe**, lhe guardando, lhe protegendo a família e a comunidade. Por isso gostaria de agradecer a todos os que deram as suas vidas para que eu pudesse estar aqui falando. Ao imortal “Amicar Lopes Cabral”, sem esquecer dos outros combatentes da Liberdade da Pátria, os Antigos Combatentes Guineenses. Agradeço por ter nascido na Guiné-Bissau um país cheio de riquezas naturais.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado trata das transformações ocorridas dentro da cultura do povo Balanta, em especial no casamento, com a vinda da modernidade. Seu objetivo central consistiu em compreender de que forma “*o casamento do povo Balanta*”, se relaciona com noções de “*tradição e modernidade*”. Deste modo buscou-se analisar como o processo da modernidade tem afetado a tradição Balanta, particularmente o casamento, provocando alterações no seio desta cultura. A partir desta perspectiva percebe-se que o casamento Balanta é um dos princípios que mantém a coesão cultural desta sociedade, afirmando-se como elemento fundamental, por extensão, nas sociedades africanas. A metodologia utilizada consistiu em pesquisa da natureza qualitativa, composta por análise bibliográfica e realização de entrevistas parcialmente estruturadas, que foram aplicadas a membros da comunidade Balanta, tanto os que se casaram pela tradição como os que não se casaram pela tradição. Não menos importante, consta o olhar e a vivência do autor como membro do povo Balanta. Os resultados obtidos mostram as transformações que o casamento Balanta tem sofrido ao longo dos tempos, e os seus impactos na sociedade. Pretende-se colaborar para preencher as lacunas existentes sobre o tema e para o resgate da história e a identidade do povo Balanta.

Palavras-chave: Balanta (Grupo étnico) - Guiné-Bissau. Cerimônias de casamento - Guiné-Bissau. Etnologia - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

The present work here deals with the transformations that have occurred within the culture of the people of Balanta, particularly, in the marriage, with the coming of modernity. Its central objective was to understand how “**the wedding of the people of balanta**”, relates to notions of “tradition and modernity”. In this way, it was sought to analyse how the process of modernity has affected balanta's tradition, particularly marriage, causing changes within this culture. From this perspective, one realizes that the balanta's marriage is one of the principles that maintains the cultural cohesion of this society) asserting itself as a fundamental element by extension, in african societies. The methodology used consisted in research of qualitative nature, consisting of literature review and interviews partially structured, which were applied to members of the Balanta's community, both those who are married by tradition as those who have not married by the tradition. No less important is the look and the experience of the author as a member of the balanta people. The results obtained show the transformations that the Balanta's marriage has undergone over time and their impacts on society. It Intends to collaborate to fill the existing gaps on the theme and to rescue the history and identity of Balanta people.

Keywords: Balanta (Ethnic group) - Guinea-Bissau. Ethnology - Guinea-Bissau. Wedding ceremonies - Guinea-Bissau.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa político da Guiné Bissau	14
Figura 2	1ª Fase - BIDOKNI NHARE (pastores de gado)	23
Figura 3	Grupo dos NGHAIÉ	27
Figura 4	Grupo dos BLUFU NDAN	29
Figura 5	Fase de ALANTE NDAN	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PAIGC – Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde

SAB – Sector Autonio de Bissau

PAICV – Partido Africano da Independência de Cabo-Verde

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU E DO POVO BALANTA	14
1.1.1	Geografia e política da Guiné Bissau	14
2	HISTÓRIAS DO POVO BALANTA E A SUAS ORIGENS	16
2.1	SISTEMAS SOCIOPOLÍTICOS DOS BALANTA	17
2.2	SISTEMA AGRÍCOLA DOS BALANTAS	19
2.3	MODO DE ALIMENTAÇÃO DOS BALANTA	20
2.4	FASES DE FORMAÇÃO SOCIAL DOS BALANTAS	21
2.4.1	As fases dos homens: bidokni nhare; ntock fó; nwack; nkuman; nghaié; blufu ndan e bilante bindan	21
2.4.1.1	<i>1ª Fase - BIDOKNI NHARE (pastores de gado)</i>	21
2.4.1.2	<i>2ª Fase: NTOCK FOS</i>	23
2.4.1.3	<i>3ª Fase: NGWACK</i>	24
2.4.1.4	<i>4ª Fase: NKUMAN</i>	25
2.4.1.5	<i>5ª Fase: NGHAIÉ</i>	26
2.4.1.6	<i>6ª Fase: BLUFU NDAN</i>	27
2.4.1.7	<i>7ª Fase: ALANTEN NDAN</i>	29
2.4.2	Sistema social de uma mulher balanta	31
2.4.2.1	<i>1ª Fase: NBI FULA USOÑ</i>	31
2.4.2.2	<i>2ª Fase:FULA NDAN</i>	32
2.4.2.3	<i>3ª Fase: IEGLE</i>	33
2.4.2.4	<i>4ª Fase: THATA</i>	33
2.4.2.5	<i>5ª Fase: SADE</i>	34
2.4.2.6	<i>6ª Fase: ANIN NDOLO</i>	34
3	TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA ÁFRICA, ESPECIFICAMENTE NA GUINÉ-BISSAU	36
4	CASAMENTO TRADICIONAL BALANTA: INFLUÊNCIAS E IMPACTOS DA MODERNIDADE	41
4.1	INFLUÊNCIAS DA MODERNIDADE NA CERIMÔNIA DE CASAMENTO DO POVO BALANTA	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICES	55

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito analisar “*o casamento do povo Balanta*”, buscando compreender de que forma este processo matrimonial se relaciona com noções de “*tradição e modernidade*”. A partir desta perspectiva percebe-se que o casamento Balanta é um dos princípios que mantém a coesão cultural desta sociedade, afirmando-se como elemento fundamental, por extensão, nas sociedades africanas. Diante disso, procura-se compreender como o processo da modernidade tem afetado a tradição Balanta, provocando algumas alterações no seio desta cultura de modo geral e, particularmente, no casamento. A problematização desta pesquisa baseia-se, portanto, na seguinte questão: “*Quais são as marcas deixadas pela modernidade no seio do casamento Balanta?*”.

A partir da minha vivência como membro deste povo, percebo que as nossas tradições estão a perder espaço em relação a outras práticas culturais vindas de fora. Algumas características importantes da nossa cultura não estão sendo praticadas do modo como foram deixadas pelos nossos ancestrais, devido ao evento da modernidade que incorpora todo o globo. Diante dessa situação, noto que algumas práticas estão caindo em desuso e outras estão resistindo, pois os Balanta estão sendo influenciados por outras culturas, principalmente, do ocidente. Isto efetivamente está sofrendo algumas alterações no seio dos Balanta em detrimento de elementos fundamentais ou originais do casamento tradicional. Tal perspectiva me motivou a desenvolver esta pesquisa para compreender as influências exercidas dentro das cerimônias tradicionais Balanta, especificamente as do casamento.

Atualmente, com advento de modernidade, a sociedade Balanta/Brasa¹ está a sofrer as inovações dentro das suas tradições – adotando mais práticas culturais de fora. As práticas – em especial os vestuários e a religião – que foram levadas pelos colonizadores portugueses na era da escravidão negra, deram início ao entrelaçamento entre o tradicional e moderno que permaneceram na Guiné-Bissau, assim como nos outros países africanos, por exemplo, Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Cabo-Verde, que foram colonizados por Portugal.

Este trabalho torna-se importante, pois consiste em abordar o casamento no seio da sociedade Balanta, e a influência da modernidade nesta prática devido ao contato deste povo com os outros povos. Percebe-se que alguns elementos adquiridos da modernidade se tornam contraditórios com certos rituais do casamento tradicional. Neste sentido, percebemos que os

¹ Brasa é o nome no qual os Balantas se identificava antes da chegada dos Portugueses, com a chegada dos portugueses passaram a ser denominados de Balanta, enquanto os seus adversários os povos Mandigas lhe chamava de Ebalanta que significa os povos balentes os que trabalham.

procedimentos que agora norteiam estes rituais não estão de acordo com os ensinamentos deixados pelos seus antepassados, tendo em conta que as práticas culturais vem se transformando ao longo dos tempos.

Além disso, durante os levantamentos bibliográficos, percebe-se que existe uma fraca produção de obras que abordam a temática em questão, principalmente a questão das influências externas nos rituais de casamento Balanta. Estes motivos despertaram o meu interesse em desenvolver pesquisa referente ao tema, abrindo possibilidades para que as gerações vindouras possam conhecer ou se beneficiar mais do assunto. Entendendo, assim, que a temática pode interessar não exclusivamente aos Balanta, como também proporcionar um maior conhecimento sobre esta cultura para outros.

Do ponto de vista metodológico, usufruímos da pesquisa bibliográfica e da coleta de dados empíricos por meio da realização de entrevistas. Trabalhamos com análise bibliográfica, com utilização das publicações feitas pelos autores que já falaram sobre a etnia Balanta através dos livros, revistas, artigos e monografias. Neste sentido, buscamos localizar a pesquisa no que tange à compreensão da Balanta, seus costumes de modo geral e, especificamente, o casamento e as influências externas devido a modernização. As pessoas entrevistadas durante a pesquisa são da etnia Balanta. Uma delas se casou pela tradição e a outra casou-se fora da tradição. Realizamos as entrevistas por vídeo-chamada, complementando-as com a aplicação de questionários feitos via internet (Facebook).

O trabalho estruturou-se em três principais sessões que vão nortear o esboço da presente monografia. Na primeira sessão – *Breve Contextualização da Guiné-Bissau e do Povo Balanta* – fizemos uma breve contextualização da Guiné-Bissau, em termos geográficos, políticos, social e econômico. Além disso, descrevemos aspectos políticos, sociais, econômicos e políticos que caracterizam o povo Balanta. Na terceira sessão – *Tradição e Modernidade na África, Especificamente na Guiné-Bissau* –, analisamos os processos, ou seja, a dicotomia entre tradição e modernidade, apontando alguns aspectos que diferenciam estes dois conceitos, e a questão dos choques culturais entre duas lógicas distintas. Na sessão seguinte – *O Casamento Tradicional Balanta: Influências e Impactos da Modernidade* – refletimos sobre o casamento na etnia Balanta, apresentando diferentes concepções sobre o conceito de casamento, e em seguida, abordando o casamento no seio do povo Balanta e a sua importância para esta sociedade, as transformações que estão a ocorrer dentro deste processo devido ao impacto da modernidade e a influência da modernidade dentro dos rituais de casamento Balanta. Por fim, tecemos as *Considerações Finais* deste trabalho.

1.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU E DO POVO BALANTA

1.1.1 Geografia e política da Guiné Bissau

Figura 1 - Mapa político da Guiné-Bissau



Fonte: Maps of world²

A República da Guiné-Bissau fica situada na costa Ocidental da África, limitada ao Norte pela República do Senegal, ao Leste e Sul pela República de Guiné-Conacry, e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Tem como superfície 36.125km² e possui uma população de 1.584.791 habitantes. Tem como capital Bissau e possui como moeda única o Fcf. Em termos linguísticos o Português é a língua oficial da Guiné-Bissau, apesar de a língua crioula ser a língua nacional e mais falada no país para além das outras línguas étnicas. Com clima tropical, é um país plano que contém mais de 80 ilhas e ilhéus, habitadas majoritariamente por Bijagós. A Guiné-Bissau

² Disponível em: <<https://www.mapsofworld.com/guinea-bissau/>>. Acesso em: 29 nov. 2018

possui duas estações do ano: chuvosa e seca. A estação chuvosa começa no dia 15 de maio e termina no dia 15 de novembro, ao passo que a estação seca inicia-se em 15 de novembro e termina no dia 15 de Maio. (censo de 2018)³

A Guiné-Bissau se tornou um país independente no ano de 1973, mas só foi reconhecida por Portugal em 10 de setembro de 1974. Antes da independência, a Guiné-Bissau teve uma luta armada contra o governo explorador de Portugal que teve o seu início em 23 de janeiro de 1963 e durou 11 anos. Só terminou no ano 1973, ano da proclamação unilateral da independência.

Segundo Teixeira (2008), a partir do momento da proclamação da independência da Guiné-Bissau, o Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) buscou de uma forma unilateral o reconhecimento internacional do país. Em 10 de Setembro de 1974, após uma grande queda do regime de Salazar, foi que Portugal acabou por reconhecer oficialmente a independência da Guiné-Bissau, que foi a primeira colônia Portuguesa a alcançar a independência na África. Vale salientar que o Brasil foi à primeira nação a reconhecer oficialmente a independência da Guiné-Bissau. Luís de Almeida Cabral (o irmão de Amílcar Cabral, pai fundador do PAIGC - Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-Verde, fundado em 1956) tornou-se o primeiro presidente da Guiné-Bissau, admitida nesse mesmo ano nas Nações Unidas.

Embora Portugal tivesse recusado dar ao mesmo tempo a independência às ilhas do Cabo Verde e a Guiné-Bissau (a independência do Cabo Verde teve lugar apenas em 1975), os dois países mantiveram o PAIGC como partido político comum durante cinco anos. Vindo Cabo a transformar o PAIGC, em (...) Partido Africano da Independência de Cabo-Verde” (PAICV), após o golpe de estado de 14 de Novembro de 1980 na Guiné-Bissau, na sequência da qual caiu por terra o projeto e a política de unidade dos dois países e seus respectivos povos. Na ocasião da independência os indicadores socioeconômicos eram catastróficos: apenas 5% da população podia ler, a esperança de vida era de 35 anos, e 45% das crianças morriam antes da idade de 5 anos. “Na sequência da guerra, a produção de arroz tinha caído de 70% e este item teve de ser importado pela primeira vez no partido de Estado com uma linha de condução socialista. Tomou o controle da economia e eliminou sistematicamente os seus”⁴.

³ Disponível em: <http://www.stat-guinebissau.com/>.- Acesso em: 29 nov. 2018.

⁴ Disponível em: <http://www.parlamento.gw/institucional/historia/historia-guine-bissau/historia-da-guine-bissau>. Acesso em: 01 Nov. 2018.

2 HISTÓRIAS DO POVO BALANTA E A SUAS ORIGENS

Os Balanta são um povo vindo do exterior, principalmente de Etiopes, pela emancipação de outros reinos. Chegaram a Guiné-Bissau entre os séculos X e XIV e expandiram-se para diferentes partes do país a partir do século XIX a procura de novos espaços para a agricultura. Como explica Camilleri *apud* Sia (2017), estes povos fugiram dos seus adversários não só pela expansão dos outros reinos, mas a procura de um novo espaço adequado para agricultura. Os Balanta atualmente são considerados como os principais cultivadores do arroz, ou “Malu⁵” na língua Balanta.

Os Balantas já estavam há muito tempo na Guiné-Bissau, quando houve a luta de libertação para a independência que começou no ano de 1963 e só terminou no ano de 1973. Os Balantas aderiram com o espírito de vencer a luta contra os colonos portugueses que invadiram o país. Isso não significa, no entanto, que os Balantas foram os únicos que aderiram a esta luta, mas foram a maioria dos que estavam na linha de frente. Como diz Cabral *apud* Cardoso (1990), a fácil adesão dos Balantas na luta de libertação se deve essencialmente ao modo como sua sociedade se encontrava organizada, completamente desprovida de estratificação, onde só o conselho dos anciãos e anciãs é que podia tomar a decisão sociopolítica em prol da sociedade. Hoje, entretanto, os Balantas não são bem vistos na sociedade guineense, porque dizem que eles são um povo atrasado e corrupto. Os Balanta são ainda qualificados como desestabilizadores de paz. Contudo, tais afirmações são um pouco controversas. O fato é que o povo Balanta não aceita quaisquer submissões, como podemos observar nas interpretações de Carreira *apud* Camilleri (2010):

o nome Balanta existia muito antes de chegada de portugueses à Guiné. Pensa-se que seja de origem mandinga exprimindo a ideia de recusa, de oposição e de resistência. O próprio CARREIRA fornece-nos a seguinte análise linguística: o termo “Balanta” em língua “mandingo” exprime-se com: ebalanta. Decompondo este vocabulo obtém-se: E (eles), -bala(negar), -nta(morfema repetitivo) = eles continuam a negar, e recusar, a revoltar-se, logo os rebeldes, os indomáveis e os refractários. Em seguida o nome “Balanta” no seu sentido negativo foi adoptado por todos os outros povo da Guiné e, por adaptação, foi codificado pelos portugueses portadores de escrita. Nos nossos dias os termos “Balanta” e “balanta bravo” podem também ser usados com injúria e desprezo querendo significar: “cativo, atrasado e selvagem”. (CARREIRA *apud* CAMILLERI, 2010, p.15).

Segundo Simões (1935) os Balanta são povos assimilados aos povos Bantus e os seus idiomas pertencem a um grupo de raça primitivo, descendente provavelmente dos Etiopes do

⁵ Malu significa arroz na língua Balanta

Oeste com o predomínio de caracteres e de origem Bantus. Depois da sua chegada à Guiné-Bissau povoavam majoritariamente na Encheia setor de Bissorã, região de Oio, província norte na beira do rio Mansôa. Depois da luta de libertação começaram a viajar ou expandir para outras províncias da Guiné-Bissau, indo até ao norte e ao sul da mesma. Hoje, no entanto, se verifica majoritariamente na província sul da Guiné-Bissau pela sua aderência a agricultura e a criação do gado. A expansão dos Balanta dentro do território da Guiné-Bissau fez com que houvesse a miscigenação destes com outros povos existentes no país, principalmente o Papel.

Os Balantas se encontram divididos em dois grandes grupos, a saber: o grupo Kintoé e o Buungue “BUUNGUE”, que significa avés migratórias. Além destes, possuem também subgrupos que são: Balanta Naga, Balanta Batche, Balanta Mané e Balanta Damé. Sobre isso, Cammilleri (2010) salienta que:

Os mais autênticos são os Bkuntoe, dos quais os Buunge se separaram devido às migrações. De facto ao termo singular Unge, plural Buunge, coresponde o nome de um passaro migratório, que aparece em grandes bandos no tempo de amadurecimento do arroz (CAMMILLERI, 2010, P.33)

Segundo Siga (2015) os Balanta Kuntoé são considerados os primeiros Balantas que se dividiram em subgrupos que compõem os mesmos. Também deve-se a eles como sendo fundadores das grandes manifestações culturais, como festas de Kanta Pó e Broksa, além do toca choro (Singha Kritch, literalmente em língua Balanta) e o casamento.

Conforme Landerset (1935):

Outra versão, que por tradição oral, vive entre os Balantas da região da Nhacra, di-los descendentes de uma ligação de mulheres Papeis com homens Biafada levando a efeitos nas localidades de Dugal e Nague, primitivas povoações do território. E, em verdade, Dugal significa em língua biafada “hóspede”, enquanto que a palavra “biafada” em língua balanta designa, o irmão, filho do mesmo pai, (LANDERSET, SIMÕES 1935, p.114).

2.1 SISTEMAS SOCIOPOLÍTICOS DOS BALANTA

A sociedade Balanta se considera como uma *sociedade sem Estado*, sem uma hierarquia politicamente centralizada, mas sim composta por um grupo de filiação unilinear, sendo que todos esses grupos se consideram descendentes de um antepassado comum, que pode ser real ou mitológico. (PINTO PAULO, 2015)

A hierarquia regulada é desconhecida, e por isso costuma-se dizer que os Balantas têm uma cultura horizontal politicamente em que o poder não é exercido por uma só pessoa mas

com a responsabilidade de toda comunidade. Segundo Siga (2015) essa forma de organização dificultou muito os colonizadores em suas estratégias para dominá-los.

Cutsau Nhuta⁶ postula que nesta sociedade o poder não está centralizado. Sendo assim, são dotados de poderes que através da convocação de conselho de anciões, discutem problemas da comunidade. As normas postuladas nesta sociedade pelos anciões e anciãs é de relevante importância em benefício de todos, e ninguém tem a autonomia de infringi-las. Se isso ocorrer, haverá punição de acordo com os atos cometidos. Quando houver adultério ou feitiçaria na comunidade, o chefe de anciões reúne toda a comunidade em defesa destes atos cometidos na aldeia. A este propósito, Isna Sia (2017) sustenta, postulando que:

De modo geral, esses órgãos são compostos por pessoas aptas que tomam em conjunto à decisão no que concerne ao bem-estar da tabanca ou comunidade e serve para a resolução dos seus eventuais problemas. Ninguém dentro da(...) tabanca(...) ousa infringir as decisões desses orgãos, pois se o fazer, certamente será punido conforme as regras estabelecidas por eles (SIA, 2017, p. 25).

O povo Balanta tem uma família extensa composta pelos pais, tios, sobrinhos e sobrinhas, na qual tem como chefe o pai que se considera como o representante direto dos antepassados, chefe o qual tem a obrigação de dar nome aos meninos. Mas isto tudo depende da época e do lugar em que o indivíduo nasceu. Se for na época chuvosa ao menino pode até ser dado o nome de “résse” que significa “chuva”. E se for no “mato”, por sua vez, o menino é posto o nome de “Flak”, que significa literalmente “mato”. Mas às vezes dar nome a um menino recém-nascido não recai sob tutela dos pais da própria criança, dependendo de toda comunidade. Quando nasce uma criança seus pais ficam atentos sobre quais serão os acontecimentos marcantes desde o nascimento da criança até a altura em que a ela será atribuído um nome. Este processo dura às vezes uma semana desde seu nascimento. Mas se os pais acharem um nome, este nome será declarado ao público para confirmar que a partir dali o nome da criança é aquele. Se a comunidade achar outro nome, este nome será deixado de lado para que seja colocado o nome escolhido pelos pais.

Dessa acepção, Cammilleri (2010) postula que:

O critério de atribuição de nome no povo Balanta está em estreita relação com o contexto que rodeia a criança nos primeiros dias de vida. Passamos a dar alguns exemplos: Bsani, Sumba, Binam, indicam o elevado reputação da família na altura do nascimento do filho. Biifa, Bwota, Bloni, pelo contrário, manifesta um sentimento de

⁶ Disponível em: <https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf> -

inveja de mal-estar e de repúdio sofrido pela família na mesma ocasião. Bdamoni, exalta as virtudes futuras da criança que deveria tornar-se de tal maneira, forte ao ponto de ser invejado pelos colegas. (CAMMILERI, 2010, p.44).

Na tradição Balanta, como explica Cammilleri (2010), *“a mãe dita “iada” tem principalmente a função de reprodução e dos cuidados e educação dos filhos até que entrem no grupo de formação nos trabalhos de campo no que diz respeito à sementeira e recolha do produto”* (CAMMILERI, 2010, p. 34-35). A integração de meninas nos trabalhos é para que elas possam aprender e integrar tanto nos trabalhos domésticos como nos de arrozal antes de irem para o casamento.

Sublinha-se que na sociedade Balanta, para além do pai e da mãe, existem outras duas personagens muito importantes que são o tio materno - dito “alante faama” - para os filhos, e a mestra e conselheira - dita “nragma” - para as filhas. (CAMMILLERI, 2010, p. 35).

2.2 SISTEMA AGRÍCOLA DOS BALANTAS

Os Balantas tem como fonte da subsistência a agricultura. Segundo Imbali (1992), tudo começa pela escolha de um local apropriado para instalação da comunidade. Mas essa instalação deve ficar mais próxima da “bolanha”⁷ para dar mais facilidade em termos do trabalho. Os Balantas gostam mais dos espaços afastados da cidade não só pelo fato da agricultura, mas também por este fato lhes ajudar em termos de criação de gados. Como diz Landerset (1935), os Balantas criam os gados em uma larga escala com uma única preocupação de que lhe não falem para o “Toca Choro”⁸ de um parente quando vier a falecer.

Em relação aos materiais usados na agricultura é de assinalar que os camponeses dispõem de um pequeno material agrícola que lhe é específico, e usam nomenclaturas próprias para tratar aspectos relacionados à agricultura. O “Kibindé”⁹ é o nome designado na língua Balanta que serve para lavoura; “Kbónh”¹⁰, que serve para a colheita; e “Fboto”, que serve de proteção das mãos no momento da colheita. Segundo Imbali (1992), estes materiais têm sofrido algumas modificações com a chegada do ferro e a instalação de ferreiros tradicionais nas comunidades, onde estes materiais como o “Kibinde” e “Kbonh” foram dotados de uma lâmina de ferro que lhes facilita em termos de trabalhos.

⁷ Bolanha é uma palavra crioula, que significa um espaço que sirva de agricultura e de pastagem do gado.

⁸ Toca Choro é uma cerimônia que se realiza quando falece um ancião ou anciã em que os gados são sacrificados com uma larga escala.

⁹ Kibinde é um material usado na lavoura.

¹⁰ Kbonh é um material usado na corte de arrozal que serve para proteção de mãos.

Na comunidade dos Balantas, em tempos passados, a produção era maior e a mão de obra era mais barata, nada era posto em troca em dinheiro ou outros bens materiais, tudo era feito de uma forma solidária dentro da aldeia. Para além disso, havia ajuda entre a comunidade nos trabalhos de arrozal, e quando o ancião de uma comunidade precisava de trabalhadores entrava em contato com qualquer grupo, seja da mesma aldeia ou de uma outra comunidade, a fim de que lhe ajudasse nos trabalhos. Deste modo, combinavam uma data exata para a realização deste trabalho, e, havendo disponibilidade do grupo, o ancião só teria por obrigação lhes dar a comida no momento de trabalho, sem outros gastos. Mas hoje tudo é diferente. Imbali (1992) argumenta que a disponibilidade de jovens hoje para qualquer que seja o trabalho torna-se cada vez mais rara, e quando estão disponíveis pedem a recompensa do trabalho em dinheiro e grande quantidade de bebidas alcólicas, o que faz com que agricultura Balanta esteja cada vez mais se dissolvendo. A colheita nos anos passados era vista como uma atividade assumida inteiramente pelos jovens da comunidade, mas hoje deixou de sê-lo.

2.3 MODO DE ALIMENTAÇÃO DOS BALANTA

Os Balantas têm como base alimentar arroz, peixe, milho e carne. Contudo, alimentam-se mais do arroz do que todos os demais alimentos citados acima. Alimentam-se de carne e milho quando há grandes cerimônias na comunidade, como o casamento, o fanado¹¹, e cerimônias funéreas. Os Balantas preferem não se alimentarem de carne todos os dias, mas sim de arroz, e é por isso que o produzem mais do que qualquer outro produto que pode servir ao consumo. O milho, por sua vez, é de super importância nas cerimônias Balanta, mas eles não o cultivam em grande quantidade, e como nas grandes cerimônias citadas acima o milho não pode faltar, eles têm por obrigação de tê-lo na casa, para o caso de surgir alguma cerimônia na comunidade. Imbali Faustino (1992) explica que:

O milho é, sem dúvida, o alimento mais ritual entre os Balanta. Com efeito o três rituais mais importantes nesta etnia (o fanado ou iniciação, o casamento, e a cerimônia funerária) não podem ser realizados sob nenhum pretexto, sem a presença de milho. Este alimento não podem ser substituído nestas cerimônias (IMBALI FAUSTINO, 1992, p.10).

No entanto, nem todos os grupos étnicos gostam de produção do milho e arroz na Guiné-Bissau. Os Fulas, que é um grupo étnico do país, produzem mais o milho do que o arroz e com

¹¹ Fanado é uma palavra “criola” que significa circunsição.

isso fazem esta troca ou compram. Imbali (1992) salienta que estes alimentos estão demasiadamente carregados de representações sociais para se poder dispor deles sem problemas. O milho é, sem dúvida, um alimento mais ritual entre os Balantas, não podendo faltar em grandes cerimônias.

Pode se dizer que atualmente houveram mudanças ao nível das práticas do consumo alimentar dos Balantas, que passaram a se alimentar do caldo, azeite, e de diferentes alimentos ou produtos que podem se encontrar através do processo de modernização. Percebe-se, no entanto, que este processo de modernização não trouxe nenhuma mudança em termos de produção da lavoura, que precisa ser mudada e adaptada à conjuntura contemporânea. Atualmente os Balanta gastam as suas energias na produção agrícola com o arado “BINDE”, usado com as forças das suas mãos.

2.4 FASES DE FORMAÇÃO SOCIAL DOS BALANTAS

Na tradição Balanta tudo é organizado de uma forma solidária, onde o homem é considerado como o chefe máximo da família por causa da sua força do trabalho, e a suposta afinidade mais próxima aos ancestrais. Na comunidade Balanta quando nasce uma criança ela é integrada numa fase etária de acordo com a sua idade, e, ao crescer, pode até não saber a sua idade exata, mas sabe a qual fase etária pertence. Subsequentemente, falaremos destas fases:

2.4.1 As Fases dos Homens: Bidokni nhare; ntock fó; nwack; nkuman; nghaié; blufu ndan e bilante bindan

2.4.1.1 1ª Fase - BIDOKNI NHARE (pastores de gado)

Esta é a primeira fase de um homem Balanta em que este grupo fica sobre tutela de controle de manadas. É uma fase que se inicia entre os 6 e os 12 anos de idade. Normalmente, conforme ressalta Camilleri (2010, p.58), “*nesta pertença andam completamente nus e levam sempre consigo um bastão curto, mas forte (fbalak) o único instrumento que os qualifica como pastores de manadas*”. Este bastão serve para pastar as vacas e caçar alguns animais como lebre, rato e “saninho¹²”. Quando vão pastar também levam os cães - “mbitna” na língua Balanta - os quais lhes ajudam, no momento de pastagem, a caçar os animais. Ao caçar algum animal

¹² SANINHO é um animal que vive na selva.

este será assado e comido de uma forma igualitária. É a fase em que os Balanta começam a aprender a lidar com os mais velhos e dar o devido respeito aos mesmos. A partir daí começam a ter a noção de responsabilidade, por exemplo, quando perdem um gado no mato ou no local de pastagem, os que foram pastar os gados podem ser punidos pelos mais velhos da tabanca, a título de exemplo. Como punição podem ficar sem comer o dia todo. Neste sentido Cammilleri (2010) explica que:

Esta tarefa é muito importante e não faltam as sanções para quem for responsável por algum dano: perder uma cabeça de gado, provocar danos nas culturas, deixar roubar por negligência, não vigiar o gado de uma forma correcta são culpar que vão ser castigadas com açoites, jejum, para além da repreensão, muito temida por qualquer brasa. Não faltam para estas crianças as ocasiões de lazer que este trabalho oferece: enquanto a manada pasta as crianças têm tempo para jogos, históricos e desafios na corrida, na luta livre e para favorecer a monta das fêmeas em cio, para construir pequenas ratoeiras para apanhar pássaros e ratos por vezes lebres, com ajuda de cães (mbitna). (CAMILLERI, 2010, p.59)

Os pastores de gado (*Bidokni Nhare*) têm por obrigação se encarregar dos gados. Todos os dias, entre 7h e 7h30min da manhã, eles têm por obrigação sair com os gados de casa para ir pastar nas bolanhas. No entanto, por volta das 12h estes têm por obrigação voltar com os gados para casa a fim de almoçar e às 15h voltar de novo com os gados para a pastagem até às 19h, e posteriormente, regressar com os gados para casa.

Eles têm por obrigação cuidar bem dos gados para não estragar a plantação feita nos bolanhas, designadamente: arroz, milho, entre outros. Caso estraguem qualquer coisa no momento de pastagem, eles podem até ser punidos. Nesta fase, não se pode ter qualquer tipo de relacionamento com as meninas, e nem falar sobre assuntos relacionados ao namoro. A criança só tem direito de falar com as meninas pertencentes a sua família ou comunidade.

Na sociedade Balanta ter muito dinheiro não implica nada, mas ter grande quantidade de gados é muitíssimo importante, em função da sua utilização nas grandes cerimônias. Na etnia Balanta é difícil vender um gado, visto que os gados são deixados para as grandes cerimônias, como referido anteriormente. Segundo Cammilleri (2010):

Por muito pobre que seja um defunto, homem ou mulher, recebe no seu funeral um par de bois, que são sacrificadas principalmente por duas exigências: a primeira é de acompanhar o espírito do defunto, que faz o seu ingresso junto dos antepassados, a segundo exprime um forte sentido de solidariedade entre as pessoas que nestas ocasiões intervêm sempre em grande número para participar no ritual e consumir em conjunto e gratuitamente a refeição sagrada. Esta maneira original de não designar os bovinos a fins comerciais suscitou sempre críticas e juízos negativos por parte das autoridades públicas e de grupos necessitados que têm pouca oportunidade de consumir carne. Estas reações são bem conhecidas do Brasa que não estão ainda

dispostos a rever este tipo de utilização do gado bovino e que o consideram um símbolo cultural, justamente com o arroz (CAMILLERI, 2010, p.61).

Figura 2 - 1ª Fase - BIDOKNI NHARE (pastores de gado)



Fonte: por dentro da África.¹³ Foto de Virginia Maria Yunes.

2.4.1.2 2ª Fase: NTOCK FOS

Esta é a fase em que um homem Balanta começa a amadurecer - que podemos chamar de fase de puberdade – e que começa a distinguir os trabalhos que ele deve fazer e o que ele não deve fazer. É a fase na qual os pais começam a dar um arradio (kibindi, na língua Balanta) que é usado na lavoura ou no cultivo de arroz. Na etnia Balanta os trabalhos são ensinados desde a fase inicial, e ao chegar esta fase já se começa a ter mais habilidades em termos de trabalhos de arrozal.

¹³ Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/guine-bissau-um-pouco-da-cultura-balanta-> Acesso em: 05 de nov. 2018.

Nesta fase eles são dispensados de pastagem de gados, mas têm por obrigação ir para o mercado a fim de comprar qualquer coisa que o ancião da aldeia precise, por exemplo tabaco e vinho. Estes não ousam recusar, pois se recusarem podem ser punidos perante o público da aldeia (tabanca). Nesta fase é permitido ter um bom momento de lazer ou de divertimento com os colegas de outra tabanca ou aldeia.

“Embora esta etapa tenha a duração de dois anos, o pai da criança faz-lhe a entrega oficial de um pequeno arado (kibinde) e, a partir de então, o adolescente fica integrado no trabalho do campo para aprender e exercitar-se”. (CAMMILLERI, 2010, p.61).

2.4.1.3 3ª Fase: NGWACK

A terceira fase do homem Balanta tem início partir dos 16 anos indo até os 18 anos. É a fase em que começam a ter mais habilidades em termos de trabalho tanto de casa quanto no arrozal, têm mais afinidades com os anciões no caso de ensinamentos dos trabalhos de bolanha e também aprendem a pescar - a fonte do alimento de homem Balanta está baseado na pesca e na agricultura. Esta é uma das fases mais decisivas do homem Balanta, porque é onde começam a ser autônomos e se responsabilizar pela sua própria vida em termos de vestuários e algumas coisas que lhes podem dar faltas ou precisar. Mas para um jovem Balanta, nesta fase ter tantas roupas não significa nada, o que lhes interessa é ter muito arroz para não ficar com fome.

Os Balantas trabalham mais para o consumo e não para vender, porque acham que ninguém dever morrer de fome. Ficar sem roupas novas, portanto, não implica nada para um jovem Balanta. Quando chegam a esta fase, os jovens começam a ser mais determinantes, mas com o respeito aos mais velhos e a toda comunidade.

Os *Ngwac* tem mais habilidade em termos de condução de canoas em uma longa distância nas vias marítimas, carregando arroz, palha e até gado bovino. Para além disso os *Ngwac* costumam colaborar com membros de outras famílias ajudando nos trabalhos agrícolas, nas manutenções de algumas casas, e nas atividades relacionadas à tradição, a música e a dança. Cammilleri (2010) mostra que:

Cada *ngwac* costuma levar consigo, como emblema de pertença ao grupo, um triângulo que podem ser em madeira, em papelão e houve mesmo quem conseguisse cortar com jeito um mosaico branco para conseguir dois triângulos rectangulos. A elegancias deste símbolo evidencia nos *nwac* um gosto estético que se revela também no domínio da música e de canções que eles mesmo criam e tocam ou acompanham com uma guitarra tradicional construída por eles com uma abóbora revestido de pele de cabra ou de gazela combinada com uma vara sobre a qual são esticadas quatro cordas de fio de pesca. Nas viagens, nos trabalhos mesmo durante as festas levam

sempre consigo grande faca como sinal de orgulho, de auto-suficiência e de força. Nessa idade jovem goza de uma certa autonomia e pode emprender viagens quer individuais que em grupo para visitar parentes e amigos fora de zona e ir a caça de animais de pequena parte (CAMMILLERI, 2010, P.63)

Para além disso, os próprios Ngwac escolhem um representante que serve para administrar o grupo, e trabalhar em defesa de todos. Nesta fase, os jovens já se consideram maduros, e cada um se responsabiliza por seus erros.

2.4.1.4 4ª Fase: NKUMAN

A quarta fase de um homem Balanta dura mais ou menos de dois a três anos, e é onde os jovens são considerados maduros pela sua força física de trabalho e pela sabedoria sobre qualquer atividade na aldeia. Eles são considerados como as principais forças motoras na lavoura ou na pesca. Esta é uma das fases na qual estes jovens organizam competições na lavoura - para ver quem será melhor lavrador da época ou do grupo – e aquele que vence fica sendo o mais velho do grupo e tem por obrigação de comandar o grupo. Nesta fase a pessoa não é escolhida para comandar o grupo em termos de idade, mas tudo é visto ou escolhido nos momentos da competição do trabalho. Cammilleri (2010) explica que os *nkuuman*: “representam a principal força da lavoura nos terrenos de arrozais, para isso lançam desafios e organizam verdadeiras competições de velocidade no trabalho entre todos os lavradores ou entre os grupos onde cada um faz valer a sua força e habilidade”. (CAMMILLERI, 2010, P.64).

Na etnia Balanta quem tem mais experiência no trabalho é considerada como a pessoa mais inteligente do grupo, por causa da sua força de trabalho e da sua inteligência usada nos momentos do trabalho. Em função disso, os jovens Balanta começam a aprender o trabalho desde pequenos, para terem mais habilidades antes de chegar a esta fase que é uma das fases de competitividade. Os *Nkuuman* são responsáveis pela matança dos animais nas grandes cerimônias como “*toca choro*”. São responsabilizados pelo abate dos gados bovinos sem o uso de corda, pela sua força física e habilidade, mobilizando o gado bovino, batendo-o no chão e sacrificando-o com uma faca sagrada.

Esta é uma das fases em que também saem para ajudar os familiares que moram nas outras aldeias, seja na lavoura como também nos trabalhos de construções de casas e outras atividades domésticas.

2.4.1.5 5ª Fase: NGHAIÉ

A quinta fase de um homem Balanta é uma das fases mais diferente das outras porque nela o indivíduo sai da sua vida privada para uma vida coletiva. Os jovens recém chegados a esta fase têm por obrigação ficar em uma mata durante dois meses para realizar algumas cerimônias. Os *Nghaiés* não andam separados, estão sempre em coletividade. Além disso os *Nghaiés*, não são difíceis de distinguir com quaisquer outros grupos sociais dos homens Balanta porque andam descalços com um *Barcafom* nos ombros que serve para colocar a comida, ou quando roubarem qualquer coisa, insere-se dentro do chamado *Barcafom*. São muito mais divertidos em termos de brincadeiras, andam com lama no corpo, carregam no pescoço algumas marcas – que lhes identificam e que podemos chamar de argola –, e seguram na mão um chifre de búfalo (*ftep ni nhare*, o nome designado na língua Balanta) que serve para o sopro e para chamar atenção quando passam em qualquer sítio.

Os *Nghaiés* são livres para fazer o que eles quiserem. Para os Balantas, tudo o que eles fizeram - como roubo de galinhas, roubo de faca de cozinha - não importa o que roubem, é porque eles estão cumprindo a tradição. Por isso, nesta fase, ninguém é perseguido pelos atos que pode cometer perante a sociedade.

Os *Nghaiés* são considerados como os melhores comedores e, na verdade, eles comem muito. Eles não comem com colher, mas sim com as mãos. No que concerne ao trabalho são considerados os melhores trabalhadores na aldeia, sendo a eles preservados os trabalhos mais difíceis.

Quando há uma cerimônia na comunidade, como o *toca chouro*, os *Nghaiés* entram em disputa que chamamos de *Luto*¹⁴ (*Kutn*, o nome designado na língua Balanta) com os outros de aldeias diferentes para mostrar as suas forças físicas. Eles consideram esta prática como uma prática desportiva.

¹⁴ Luto é uma prática de entretenimento ou diversão entre os Balantas que se faz entre tabancas, mas que se considera como uma prática desportiva.

Figura 3 - Grupo dos NGHAIÉ



Fonte: <http://psvicente.blogspot.com/2007/12/fanado-cerimnia-de-inicio-masculina-na.html>

2.4.1.6 6ª Fase: *BLUFU NDAN*

A sexta fase de um homem Balanta é uma das últimas fases para se chegar a de *Lanting Ndan* que significa “homens velhos” ou “chefe de anciões”. É uma das fases na qual os Balantas desejam chegar, mas para conquistá-la têm que passar por todas as etapas anteriores já mencionadas acima. Vale salientar que nada deste processo é escrito, mas tudo é memorizado. Nesta fase os jovens, para além de serem considerados casados, continuam a não ter grande autoridade na sua casa e nem podem fazer as grandes cerimônias. Se tiverem filhos eles não lhes podem chamar de Papa, isto só cabe quando for realizada a última cerimônia da circuncisão.

Os *Blufu Ndan* são considerados pelos os anciões como as pessoas que não sabem nada, mas que precisarão saber, e por isso têm que obedecer e respeitar os mais velhos que sabem e entendem o sentido da vida. Nesta fase cada um é responsável pelos atos que comete perante a juventude, e se o candidato foi desobediente ele tem por obrigação responder pela sua desobediência perante os anciões que lhes circuncisam. *Blufu Ndam* é designado para os jovens que estão na fase final da tradição Balanta, e, a partir daí, eles começam a ter um grande elo

com os anciões que lhes dão algumas orientações sobre as últimas práticas cerimoniais que estão faltando para a circuncisão. Nesta fase eles começam a ter alguma autonomia para participar de determinadas cerimônias, e ajudar os anciões na orientação dos menores da comunidade. Na tradição Balanta, no que concerne às grandes cerimônias, tudo é feito nos anos em que houver uma boa colheita do arrozal. Mas se a colheita for ruim, as grandes cerimônias são deixadas até o ano em que houver uma boa colheita. No caso de uma boa colheita, Nhuta salienta que:

Os homens grandes da tabança reúnem-se entre eles com a finalidade de selecionar os nomes dos candidatos que serão submetidos a prática de circuncisão. Isso se fez para evitar a coincidência dos irmãos em serem circuncidados no mesmo ano ou outro motivo, como a doença, contudo outros se levam doentes. Ao candidato aprovado, geralmente é entregue alguns abjetos, tais como: a faca, o alicate e a cauda da vaca. Os quais têm a seguinte interpretação: a faca significa seu grande inimigo, porque, por ela será circuncidado e lhe causará dor, o alicate significa seu amigo íntimo que lhe ajudaria em tirar a pedrinha no boixo do fogo para ser colocada na água, à cauda da vaca significa sua auxiliadora que lhe apóia em defender as moscas na ferida. O candidato tem obrigação de arranjar pelo menos três porcos grandes, um para os tios que lhe protege de qualquer perigo no último dia de decida a bolanha; outro para os homens grandes da tabanca, os quais têm a responsabilidade de construir a barraca e cuidar dele no mato; outro ainda para as irmãs, as quais têm a responsabilidade de enfeitá-lo, depois de ter saído da barraca.¹⁵

Os Balanta consomem mais o arroz do que qualquer outro produto, por isso antes de chegar a época chuvosa começam logo a preparar o campo de cultivo de arroz, e a comprar alguns inseticidas para combater pragas que podem vir a atacar as plantações do arrozal. Tudo isso fica sob a responsabilidade de *Blufu Ndan*. De acordo com a tradição Balanta ser *Blufu Ndan* não significa que o candidato atingiu a fase adulta, porque falta ainda a última fase que o candidato tem que cumprir no meio dos anciões.

¹⁵ <https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf> - Acessado em 12. dez. 2018

Figura 4 - Grupo dos BLUFU NDAN



Fonte: <http://tchogue.blogspot.com/2013/03/o-povo-balanta-sao-judeus-da-guine.html>

2.4.1.7 7ª Fase: ALANTEN NDAN

A sétima e última fase de um homem Balanta é a *Alanten Ndan*. Este nome não é designado a qualquer pessoa, só cabe a quem cumpriu esta última fase mencionada acima. Um *Alanten Ndan*, na equiparação com a cultura europeia, pode ser considerado com um “Doutor”. No entanto, apesar de hoje muitos Licenciados serem chamados de Doutores, isso não existe ainda na concepção Balanta, pois a designação de *Alanten Ndan* é um nome muito sagrado que só cabe dar as pessoas submetidas a esta prática.

Os *Alanten Ndan* têm como o símbolo que lhes identificam um chapéu vermelho – *Fbaki Fan*, o nome designado na língua Balanta – e ninguém pode participar das grandes cerimônias sem o usar este chapéu que lhes simboliza. Caso não o coloquem serão responsabilizados, e se o candidato vier a ser classificado de um nome que ele não merece não pode reivindicar porque não colocou aquele chapéu vermelho que lhe identifica como *Alanten Ndan*. Os *Alanten Ndan* são considerados como detentores do poder na sociedade Balanta. Mas antes de chegar a esta fase o candidato escolhido para cumprir a prática é pré-avisado e ele, por sua vez, começa a se preparar avisando aos familiares que moram em outras comunidades - principalmente os tios - de que irá ao fanado que dura 60 dias no mato isolado. A data do fanado é fixada pelos anciões que já devem ter ido ao fanado três meses antes.

De acordo com a tradição dos Balantas, os candidatos recém-chegados a esta fase têm por obrigação de reunir a tabanca. Caso haja qualquer problema na comunidade, passam a ser classificados como anciões da comunidade. Salienta-se que os Balantas não têm um chefe único na comunidade, como as outras etnias da Guiné-Bissau, como os *Papeis Manjaco e Fulas*, que têm como o chamado *Régulo*, uma pessoa indicada como um chefe máximo para resolver alguns problemas que podem acontecer na comunidade.

Algumas tarefas são reservadas para os *Alanten Ndan*. No caso de morte eles têm por obrigação escavar a cova onde será supultado o malogrado, e têm por obrigação fazer todas as outras cerimônias que devem ser feitas antes de sepultura. Os Balantas, no entanto, não acreditam na morte, e afirmam que os mortos sempre estão presentes no mundo sensível. Todos os anos fazem cerimônias para os mortos, porque não acreditam nas concepções européias de que quando morre uma pessoa ela parte para o céu onde será julgada por Deus (ser superior). Isso não quer dizer que os Balantas não acreditem na existência de Deus, mas sim que Deus é um ser superior que está longe da Terra e enviou os satanás para dar as orientações na Terra. Mas nem todos os satanás são bons. Há alguns que são bons e que pensam o bem para as pessoas, e outros que são malvados e fazem mal as pessoas. Por isso nem todos os satanás são adorados na comunidade Balanta.

Para os Balanta se um *Alanten Ndan* morrer é feita festa, porque dizem que ele completou um ciclo de vida, e vai para outro mundo invisível para conviver com os que já se foram: “os ancestrais”. Por isso, no momento de funeral são colocados muitos panos e roupas novas que servem como encomenda para os que já foram.

Figura 5 - Fase de ALANTEN NDAN



Fonte: <http://conosaba.blogspot.com/2017/04/tres-anos-do-desaparecimento-fisico-do.html>

2.4.2 Sistema social de uma mulher balanta

Na tradição Balanta ter uma filha é muito importante porque dizem que são as mulheres que seguram os pais quando envelhecem ou adoecem. Elas têm por obrigação dar assistência aos pais por isso as mulheres são muito importantes na sociedade Balanta e muito respeitadas. Mas não quer dizer que os homens não são importantes, é porque as mulheres têm mais intimidade ou proximidade com os pais do que os homens. Na tradição Balanta o sistema social feminino é diferente do dos homens, porque as mulheres não são submetidas às práticas de circuncisão e nem às demais citadas acima.

Na etnia Balanta os trabalhos são diferenciado entre homens e mulheres. Enquanto na concepção européia afirma-se que todos têm o direito de fazer qualquer trabalho sem distinção de gênero, nas comunidades Balanta as mulheres fazem mais os trabalhos domésticos como cozinhar e lavar a louça, enquanto os homens são responsáveis pela lavoura e a caça. Falaremos adiante mais detalhadamente sobre as fases da formação de uma mulher Balanta.

2.4.2.1 1ª Fase: *NBI FULA USOÑ*

A primeira fase de uma mulher Balanta inicia-se desde o nascimento até aos oito anos de idade. Nesta fase são chamadas “*nbi fula usoñ*, que literalmente significa filha pequena.” (CAMMILLERI, 2010, p.45).

Na comunidade Balanta quando nasce uma criança esta criança pertence a toda comunidade, porque dizem que cada um tem por obrigação dar algumas orientações perante as fases do crescimento daquela criança. Quando a criança começa a se joelhar ou andar com as mãos - “*Nhgatinha* literalmente na língua crioula” - começa a ser distinguido o que é bom e o que é mau pela comunidade. E quando a criança começa a falar e andar lhe é ensinado a equiparar os trabalhos pertencentes a um homem e a uma mulher, indicando-lhes que são diferentes. Conforme Cammilleri (2010): “não têm ainda uma mestra especial, mas todas as mulheres da casa estão empenhadas em lhes proporcionar os primeiros ensinamentos sobre a língua, as normas de vida e as primeiras tarefas domésticas” (CAMMILLERI, 2010, P.46).

Nesta fase as crianças são ensinadas a cozinhar, a buscar a água no poço, a procurar lenha na mata, e a varrer a casa. Se a criança cometer qualquer erro é reprimida pela sua mãe, mas se for um erro de grande gravidade e a mãe perder a paciência ela pode até ser chicoteada nas pernas ou nas palmas da mão. Na comunidade Balanta é difícil uma mãe bater na filha com

as mãos, costuma se bater com chicote ou ramo de qualquer planta. Segundo Camilleri (2010, p. 46) “*Nunca se dão bofetadas ou pancadas directamente com as mãos*”.

2.4.2.2 2ª Fase: FULA NDAN

A fase seguinte é a de *fula ndan* (*adolescente*) que compreende o período dos 10 aos 13 anos. Nesta fase as meninas são preparadas para receber uma educação específica para que possam enfrentar o casamento e assumir responsabilidades doravante, como tomar conta de uma família e instruir as meninas que lá vá vão crescer.

Nesta fase, para evitar que as meninas aprendam demasiado com as mães, elas são enviadas para serem criadas pelas suas mestras e conselheiras – *raagma*, literalmente na língua balanta – com as quais têm laços de parentesco e de sociabilidade na família alargada direta da mãe ou do pai. Segundo a explicação de Camilleri (2010): “os Brasa estão convencidos de que se a mãe não se separar da filha e esta por acaso se tornar excessivamente caprichosa e extravagante, a culpa recairá sobre a mãe que será considerada demasiada possessiva” (Camilleri, 2010, p.47).

Quando a menina é tomada pela sua mestra ou tutora para ser criada noutra comunidade, às vezes o desejo da tutora é de que quando a criança crescer ela possa ser dada em casamento a qualquer membro da família, ao próprio marido ou aos filhos desta. Desde que a mestra toma a criança para ser criada noutra comunidade, a responsabilidade pertence à família do chefe (...) “*que futuramente a pretende ter como sua noiva ou de algum dos seus filhos*”. (CAMMILLERI, 2010, P.47).

Quando a criança se insere numa sociedade nova ou família nova ela entra no sistema educativo dos Balantas, em que lhe são ensinados os trabalhos de casa e trabalhos agrícolas. Estas experiências que lhe são ensinadas nesta nova família podem lhe ajudar quando for casada. Conforme Camilleri (2010), nesta fase:

Torna-se assim capaz de desenvolver autonomamente todos os trabalhos necessários para a família sem a presença ou controle de terceiros: vai a fonte sozinha, vigia os arrozais mais afastados, defendendo-os dos pássaros e dos macacos, vai a pesca, escolhe as plantas necessárias a alimentação, transplanta o arroz, ceifa, conduz a canoa sozinha. (CAMMILLERI, 2010, p.47)

Nesta fase os anciões seguem de perto o comportamento da *fula ndan* como forma de respeitar os mais velhos e de fortificar laços de amizade com outros grupos diferentes,

mantendo a coesão do grupo, tão necessária ao estabelecimento dos pactos matrimoniais entre as famílias.

2.4.2.3 3ª Fase: *IEGLE*

É uma das fases mais importante para as meninas pertencente ao povo Balanta e se refere ao grupo de jovens entre 13 e 16 anos. É a fase em que as meninas atingem a puberdade ou fase adulta, em que elas já podem ser casadas ou dadas a um homem. Segundo a tradição, nesta fase a decisão do casamento é tomada pelo pai da rapariga juntamente com familiares do pretendente, principalmente seus pais, sem o consentimento da menina. Conforme Cammilleri (2010):

O nome de pretendente é secreto para a mulher. Entre os Brasa não existe o dote, estabelecendo-se unicamente entre as duas famílias uma aliança de afinidade, traduzida em prestações de serviços, de colaboração e de ajuda mútua. Esta aliança permanece mesmo em caso de divórcio (CAMMILLERI, 2010, P.48)

Os Balantas consideram esta fase ou ritos com um valor de significado idêntico à circuncisão que é feita para os homens. Chegando nesta fase “*Iegle*” a mulher é sempre respeitada por todas e todos na comunidade, entre os mais pequenos e os mais velhos, porque é considerada como uma pessoa que já atingiu uma fase de maturidade adulta. Se nesta fase houver o falecimento da “*Iegle*” se realizam as cerimônias idênticas as de uma pessoa de sexo masculino circuncisado, ou qualquer pessoa adulta. Todavia a *Iegle* não é considerada como uma pessoa formada, porque precisa ainda de outras orientações com as mestras para que possa atingir a outra fase que chamamos de *Thata*.

2.4.2.4 4ª Fase: *THATA*

É uma das fases em que a *Iegle* passa a ter dois filhos e passa a ser denominada ou chamada de “*Thata*”. Este período começa quando as mulheres desejam fazer uma longa viagem fora das suas casas, visitando os familiares que estão noutras comunidades. Nesta ocasião as “*Thatas*” têm por direito visitar alguns santuários dos familiares e participar das cerimônias tradicionais em outras aldeias. Ninguém pode lhe negar este direito, nem o seu marido, porque consideram esta fase como fase da independência, em que ela se responsabiliza por algumas tarefas de casa como a plantação de arrozal nas bolanhas e a pesca.

“Apesar de grande contributo nos trabalhos de casa e do campo, a mulher *thata* não falta aos deveres fundamentais de mãe e neste aspecto as mães africanas são verdadeiramente proverbiais”. (CAMMILLERI, 2010, P.51).

A mulher nessa fase de “*Thata*” é considerada de suma importância pela sua força de trabalho. Além de ter que carregar o filho nas costas para ir vender os produtos no mercado, cortar a lenha com catana na mata com filho nas costas, ela é encarregada de sementeiras de arrozal que será plantado na época chuvosa. No entanto, conforme Cammilleri (2010): “Apesar de o centro de família, a mulher nessa fase não está em condições de assumir a responsabilidade completa pois nela participam também as mulheres que entram na fase seguinte que passamos a analisar”. (CAMMILLERI, 2010, P.52).

2.4.2.5 5ª Fase: SADE

É a fase da menopausa, em a mulher deixa de gerar filhos e é considerada como “*Sade*”. Nesta fase ela começa a entrar nas atividades de comando. Na sociedade Balanta quanto mais filhos e mulheres, isto ajudará em termos de produção agrícola e em outras tarefas domésticas, porque é uma sociedade que vive de agricultura e quanto mais familiares mais benefícios em termos de agricultura.

Desde já, nesta fase, a mulher é livre para comandar ou tomar qualquer decisão na família em que está inserida, desde os mais pequenos até os mais velhos.

2.4.2.6 6ª Fase: ANIN NDOLO

Esta fase inicia-se quando a mulher de faixa *Sade* começa a perder força de trabalho e não está mais apta para realizar os trabalhos os quais fazia no âmbito familiar. Começa assim a ser chamada de “*Anin ndole*”, que quer dizer “mulher velha” ou “anciã”. Conforme Cammilleri (2010) na sua explicação, *Anin ndolo* é muito respeitada e amada por todos em virtude da sua experiência e sabedoria.

Quando há graves problemas na comunidade as *Anin ndolo* são avisadas, porque dizem que elas são mais aptas e têm mais capacidade na resolução de problemas tanto no âmbito conjugal como no âmbito familiar da aldeia. Como diz Cammilleri (2010):

Segundo a opinião de muitos, não existe um limiar bem definido para indicar passagem da fase *sade* para *anin ndolo*, até porque ambas são definidos como *anin ndola*. A distinção parece evidente a nível da capacidade que elas demonstram em

resolver determinados problemas. Na hierarquia das mulheres no âmbito familiar a *anin ndole* é considerada como a “mulher grande”, isto é, a que ocupa o primeiro lugar em realação ao marido. Ela é então rainha da casa (CAMMILLERI, 2010, P.55).

Quando morre o marido da *Anin ndolo* ela é obrigada a fazer aquelas primeiras cerimônias antes da sepultura do malgrado. Ela tem que participar do sepultamento do seu marido, mas antes tem por obrigação buscar a água na fonte que fica mais perto de balanha para lavar o corpo de falecido. Depois de ter lavado o defunto coloca um pano branco que foi usado no dia do casamento e depois segue para o funeral. Quando falece o seu marido, a *anin ndole* tem por obrigação de fazer algumas cerimônias, nas quais fazem-se homenagens e sacrificam-se grande quantidades de animais perto de um templo de lares chamados de *fram*¹⁶.

¹⁶*Fram* é a pequena casa onde os anciões realizam as cerimônias da comunidade.

3 TRADIÇÃO E MODERNIDADE NA ÁFRICA, ESPECIFICAMENTE NA GUINÉ-BISSAU

O dualismo entre a tradição e a modernidade é um dos grandes desafios enfrentados atualmente pelas sociedades e dirigentes africanos, resultado da absorção de novos conhecimentos, principalmente provenientes de educação escolar e organização sociocultural vindas do ocidente. Junto a estes, estão as influências linguísticas que fazem com que as línguas nativas Africanas estejam cada vez mais perdendo a sua essência e o seu valor.

A tradição é o conhecimento que se transmite de um determinado grupo étnico de geração a geração, através da observação e imitação da postura com atitudes e regras deixadas pelos seus antepassados. De acordo com Pinto (2009):

A tradição é conhecimento que se transmite implicitamente, através da observação e da imitação de posturas, de atitudes, de regras. É a modalidade tradicional da experiência que preside às visões do mundo que, ainda hoje, em todas as sociedades, continuam a dar sentido e conferem legitimidade aos discursos e às ações espontâneas da vida quotidiana e do senso comum, que dão sentido à experiência do homem inserido na sua comunidade de pertença. A tradição não é uma etapa de uma progressão que desemboca na modernidade, num movimento linear e evolucionista, em que o passado nada mais é do que a preparação do presente, à luz do qual a história deva ser interpretada. (PINTO, 2009, p. 19).

No exposto acima percebe-se que a tradição é um processo de transmissão do conhecimento que norteia a compreensão do mundo de uma determinada sociedade. Por outro lado, o processo de modernidade – a Era Moderna para muitos autores começou com a Revolução Francesa, a Revolução Industrial, a Revolução Inglesa, e a colonização – tornou-se mais flutuante com o surgimento de novas tecnologias e com a mudança política e social ocidentalizada desde século XVIII.

Essa mudança possibilitou a organização das sociedades ocidentais em termos das urbanizações das suas cidade e democratização, que em outras partes do globo, principalmente na África, não tinha existido, ou seja, tinham outras formas de coexistência. Isso provocou grandes impactos ou mudanças nas sociedades africanas, essencialmente na sociedade guineense.

(...) Na verdade, a própria modernidade pode ser compreendida na ambiguidade da sua essência emancipadora, originária das três grandes revoluções que inauguram politicamente a era moderna – a revolução industrial inglesa, a revolução francesa e a revolução americana –, que tinham subjacente o objectivo de eliminar, de uma vez para sempre, uma ordem baseada na transmissão hierárquica dos lugares e das relações sociais. (PINTO, 2009, p. 20).

Esta mudança imposta pela modernidade é, de certa forma, o reforço da globalização, possibilitando o surgimento do novo sistema econômico, alicerçado no capitalismo industrial, que resultou da invasão dos europeus a outros continentes com o objetivo de angariar matérias primas. Neste cenário, para justificar essa ocupação, os europeus tiveram que desenvolver políticas para garantir as suas presenças nestes continentes. No caso do continente africano, um dos mecanismos implementados pelos europeus no sistema colonial foi a desapropriação das culturas nativas contraposta à imposição da sua.

Antes do processo da colonização, os países africanos já tinham a suas organizações sócio-políticas, que eram feitas sem a intervenção de política europeia. No caso da Guiné-Bissau, a organização política em termos da hierarquia, era feita de acordo com a sociedade pertencente a cada povo. Segundo Piter (1994 p. 295), *“basicamente a sua preocupação principal era manter a paz pública; cobrar os impostos de palhota e fornecer mão-de-obra.”*. Kwasi (1984, p.3), por sua vez, diz que ser tradicional não é com certeza o sinônimo de ser analfabeta, uma cultura pode ser letrada e, no entanto, continua sendo tradicional, isto é, não científico.

A Guiné-Bissau é um país pluriétnico, onde existem mais de trinta povos. Cada sociedade elege um chefe da comunidade de acordo com as regras postas na comunidade. O povo Balanta possui uma sociedade gerontocrática, que é dirigida por dois órgãos comunitários, a saber: o Conselho de Anciãos e o Conselho de Anciãs. Cammilleri (2010) cita que:

(...) Conselho de anciãos, intervém nos relacionamentos da comunidade com exterior como por exemplo: manter contactos com os conselhos de das aldeias da redondeza, estipular acordos de colaboração e de troca com outras comunidades, empresas e projectos, declarar e dirigir a guerra, os processos da paz e as alianças. (CAMMILLERI, 2010, p.83)

A política do Conselho de Anciãs é mais voltada para a questão social do que para a questão política. Elas tomam decisões, por exemplo, no que diz respeito às mulheres grávidas, ao trabalho de parto ou a parturiente, e aos doentes, enquanto os anciãos controlam mais a parte política dentro da comunidade.

Na sociedade Balanta o poder não está centralizado de uma forma hierárquica, mas o Conselho de Anciãos e Anciãs é considerado como a autoridade máxima da comunidade. No entanto, não se tem a determinação dos anos que eles podem permanecer no poder, o que é bem diferente dos modelos europeus herdados hoje na Guiné-Bissau e que estão criando conflitos políticos desde a independência do país até agora.

Segundo Wiredu (1984), o homem deveria vincular a modernização das condições da sua vida com a modernização de todos os aspectos do seu pensamento. Wiredu (1984) vai dizer que o fracasso dos africanos na valorização daquilo que é das suas pertencas – cultura, língua, vestuário – com a adaptação do modelo europeu, foi justamente o que permitiu a fortificação da dominação européia dentro do continente africano.

Em muitos casos se observa na independência dos países africanos os mecanismos que favoreceram a formação de determinadas elites dentro dos Estados. Essa formação precária explica vários golpes em vários países recém independentes, que acabaram por comprometer a formação de estruturas que propiciassem o seu desenvolvimento. (APPIAH, 1997).

Na comunidade Balanta antes da Era Moderna o poder era herdado somente quando falecesse um ancião. Com o falecimento, o poder poderia até permanecer com o filho mais velho do próprio ancião caso ele cumprisse todas as cerimônias, começando desde a fase inicial até atingir a fase da puberdade *Lanté Ndan*, sem a intervenção da política legislativa eurocêntrica, mas sim nos moldes da tradição. Segundo Pinto (2009), a sociedade Balanta está cada vez mais repelindo as suas práticas culturais anteriores e se apropriando mais da modernidade dos contextos atuais, reestruturando assim relações complementares dentro do tradicional com a visão do novo mundo como ocorre no ocidente (PINTO, 2009).

De acordo com Roque *apud* Pinto (2009, p. 20):

As inumeras características fundamentais do cotidiano nos países moderno ou desenvolvidos... a industrialização e afirmação do sector industrial como a atividade por excelência dos países industrializado, o progresso tecnológico e as maquinas como o motor do progresso a divisão técnica do trabalho e especialização como o novo modelo de trabalho a produtividade como o principal critério, da eficiência da sociedade, a cidade como um espaço privilegiado de novas economias de fábrica e de nova sociedade de troca, o cronometro marcado mecanicamente, o novo ritmo de produção e de vida. (ROQUE *apud* PINTO 2009, p. 20).

As inovações das sociedades modernas conduziram as sociedades africanas nos seus modos de pensar a sociedade, de forma a hipervalorizar a razão como um elemento fundamental. Além disso, a modernização levou elementos importantes para África como a urbanização e o sistema de valor econômico e social que acabaram de entrar em colapso com as sociedades tradicionais por meio dos valores éticos sociais e morais pertencentes a eles. A consequência disso é que muitos europeus têm considerado válida uma concepção exagerada da diferença social entre as sociedades africanas - ditas mais atrasadas - com as do ocidente. (WIREDU, 1984).

Como explica Pinto Paula (2009), esta ética social deve refletir-se da responsabilidade da sobrevivência de todos através da repartição equitativa dos recursos e do direito a receber qualquer apoio da comunidade de uma forma especial e equitativa. (PINTO, 2009). Na comunidade tradicional o trabalho é repartido entre os elementos pertencentes à comunidade, entre os homens e as mulheres de uma forma do grupo, principalmente na comunidade dos Balanta. Todos os membros desenvolvem os seus trabalhos e sobrevivências em termos de grupo, para poder fortalecer os laços de amizade entre a comunidade e a tabanca.

Na tradição os bens são repartidos ou trocados de uma forma solidária baseada na reciprocidade. Dar e receber baseiam-se em uma forma de parentesco e de vizinhança, não em uma lógica de mercado ou de forma política como na modernidade. Hoje, no entanto, parece que tudo se transforma em mercadoria e lucro.

Na comunidade Balanta os trabalhos são exercidos na época chuvosa, que se dura mais ou menos dois meses, e os restantes dos meses são aproveitados para a celebração de grandes cerimônias como casamento, *toca choro*, *broksa* e *canta pó*. No entanto, hoje isso não está ocorrendo frequentemente na sociedade Balanta em função das imigrações dos jovens para Europa em busca de melhores condições de vida. Este processo tem consequências decisivas para a tradição, levando membros da comunidade a abandonar o modelo tradicional e aderir à nova sociedade moderna.

Para Appiah (1997, p. 9), por sua vez, a sociedade africana está tendo uma modernização, mas mantendo os seus aspectos culturais. Segundo este autor, na sociedade guineense, desde o processo da colonização até os momentos atuais, nem toda sociedade aderiu ao novo modelo cultural vindo do Ocidente, mas sim mantendo as suas próprias culturas ou dando mais valor às culturas nativas. O que ocorre é absorver alguns elementos culturais com o intuito de enriquecer a sua cultura. Tal fato significa dizer que também tem havido resistência por parte da sociedade africana em adotar a cultura europeia como modelo a seguir.

O processo colonial feito na Guiné-Bissau após a independência não deixou uma boa infraestrutura para arranque do desenvolvimento desejável no país, mas sim um retrocesso que, por consequência, até hoje tem afetado gravemente a sociedade. Também deixou algumas marcas da cultura da colônia, ou seja, uma alteração e sobreposição do moderno ao tradicional.

De acordo com a história, o Estado colonial usou a tradição como o princípio da particularidade e de não similaridade, como uma forma de governo em si mesmo. Modos de conhecimento específicos foram produzidos com o propósito de colonizar o outro e eliminar a pluralidade e a ambivalência da tradição. Ao falarmos da tradição temos que partir de uma ideia de que os africanos têm uma cultura que lhes confere uma particularidade irreduzível a de

qualquer outro grupo. A rejeição do corpo africano e das suas autenticidades seria assim mesmo um estropiamento. Diante disso, percebe-se que com a inferiorização da cultura africana e de suas tradições, devido a construções pejorativas sobre tais práticas, o corpo negro continua a ser vítima destas narrativas discriminatórias e racistas, tendo levado os africanos a reinventarem as suas convivências reafirmando o seu pertencimento ao continente africano.

A ideologia dos escravos negros africanos na modernidade não está baseada nas práticas as quais foram submetidos ao longo dos séculos da escravidão, mas sim a uma luta massiva pelos seus direitos no qual foram insinuados ao longo do tempo de uma forma errada, e do desenvolvimento massivo dos seus continentes.

Achille Mbembe (2009) explicou que a colonização foi uma co-invenção feita pelos europeus, que concebeu um resultado da violência ocidental tanto dos europeus como dos auxiliares africanos em busca do lucro. No continente africano onde não havia o colonizador branco, era recrutado o próprio africano para exercer a função do colonizador, para colonizar o seu próprio território em nome da metrópole. Segundo a história nos mostra, o sistema de colonização que foi subjugado na Guiné-Bissau foi uma luta armada contra os colonizadores portugueses. Os portugueses que lá se encontravam pensavam que se a colonização fosse feita com uso da força ou brutalidade seria mais fácil colonizar os povos guineenses e submetê-los a suas próprias culturas. Mas esse não foi o caso, e eles acabaram por adotar outro modelo de colonização de molde mais pacífico e religioso. Esta nova prática gerou um novo processo de colonização que podemos chamar de colonialidade, em que certos guineenses eram enviados para a metrópole a fim de estudar, com vistas a facilitar a comunicação entre colonizador e colonizado.

Esta interpretação parte do pressuposto de que a sociedade e a cultura Balanta, tal como todas as sociedades e culturas africanas, está sujeita à influência de determinados valores que, em constelações especiais, resultam, sobretudo, da combinação dos elementos da modernidade com os elementos da tradição. Este processo da mutação conhece diversas fases em que a preponderância de cada uma das componentes da modernidade e da tradição podem alternar-se. É sabido que, durante a história, certos Balantas, principalmente os mais velhos, têm tido uma resistência sistemática a todas as influências externas, tendo por isso conservado a sua cultura. Mas sabemos que a cultura é um pressuposto que sempre está em mudança, e hoje muitas das práticas culturais deixou de ser apurada como era antigamente. (CARDOSO, 1990).

Partindo deste pressuposto, voltaremos, no capítulo que se segue, para a questão central que norteia este trabalho “*Quais são as marcas deixadas pela modernidade no seio do casamento tradicional Balanta?*”

4 CASAMENTO TRADICIONAL BALANTA: INFLUÊNCIAS E IMPACTOS DA MODERNIDADE

Segundo a explicação de Bazzan (2014), a palavra casamento na concepção ocidental deriva de palavra “casa” que significa junção de duas pessoas que se confiam criando laços entre elas e compartilhando o mesmo espaço, ou o convívio diário entre estas pessoas.

Conforme Jhonson (1997, p. 31), o casamento é uma união socialmente sancionada envolvendo dois ou mais indivíduos, considerado um arranjo estável, duradouro, baseado, pelo menos em parte, em laço sexual de algum tipo. Nesta perspectiva podemos entender o casamento como uma fidedigna relação entre as pessoas de sexo oposto, homem e mulher, sem esquecer do casamento homossexual, o qual foi incluído no novo modelo do casamento. De acordo com este autor no seu *Livre Dicionário de Sociologia*, o casamento serve para identificar os filhos de uma forma clara, e definir com a clareza o laço de parentesco com a mãe, o pai, e outros parentes.

Malunga e Muzzi (2014), por sua vez, definem o casamento como uma legalidade e oficialização de laços matrimoniais na base da lei, com uma condição conjugal dos nubentes. Conforme estes autores, casar significa oficializar um laço matrimonial e a lei só o permite quando se verificam os correspondentes requisitos. A maturidade para casar é imprescindível para que se alcance o estatuto conjugal. Com isso podemos entender que casamento sabrecai pela vontade de duas pessoas, pelos seus consentimentos de unir e formar uma família. Keesing & Asthrathern *apud* Ghislane (2016, p.41) explicam que:

De modo geral, o casamento costuma ser definido como uma união entre um homem e uma mulher, e os filhos que nascem dentro desta relação, reconhecidos como legítimos pela sociedade. Nessas definições o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou casamento homossexual não é está incluído no modelo universal do conceito do casamento. Muito menos o casamento plural no qual um homem pode se casar com várias mulheres nas sociedades tribais (KEESING & ASTHRATHERN *apud* GHISLANE, 2016)

Segundo Anthony Giddens (2005), antes de tudo precisamos definir alguns conceitos substanciais do casamento e parentesco citados nos itens acima. Conforme Giddens (2005, p.152), o casamento pode ser definido como uma união sexual entre dois indivíduos adultos socialmente reconhecida e aprovada. Segue justificando ainda que, quando duas pessoas se casam tornam-se ligadas a uma grande gama concreta do parentesco, uma vez que irmãos, irmãs e outros parentes consanguíneos tornam-se parentes do cônjuge através do casamento.

De acordo com as discussões feita pelos autores no que se refere ao casamento de uma forma geral, podemos entender que o casamento pode ser selado de formas diferentes dependendo do lugar. O casamento é uma representação de caráter simbólico que representa os indivíduos de sexos opostos e do mesmo sexo, que se cruzam formando uma família ou um grupo familiar. O casamento envolve, portanto, os direitos aos relacionamentos e a um conjunto de realizações.

GHISLANE (2016, p.42) salienta que:

poder-se-ia dizer que o casamento e a família são conceitos extremamente ligados entre si, muitas vezes usados como sinônimos e que podem ser confundidos, mesmo quando se sabe que se trata de fenômenos distintos que exigem campo de estudos separados. (GHISLANE, 2016, p.42).

Cornélia B. Mfoungue (2012), na sua tese de doutorado realizada na França sobre o casamento africano, mostra que casamento tem atraído muitos antropólogos que se basearam nas pesquisas para entender as suas realizações em diversas sociedades, tanto no modo africano como na concepção europeia. Segundo ela o casamento é definido pelos antropólogos como a união de um homem e uma mulher para que os filhos de mulheres sejam reconhecidos como legítimos pelos pais.

“Anteriormente, o casamento era tratado apenas em relação à família, seja por linha de evolução de um estado inicial de promiscuidade sexual para monogamia em passando pelo casamento do grupo”. (MNFOUNGUE, 2012, p. 22 - Traduzido em português).

Mafoungue (2012), explicando o casamento, baseou-se na obra de Lewis H. Morgan e na de Engels, citando três formas da família que correspondem aos três estágios de evolução do homem. A primeira forma de explicar a questão da família é baseada na relação consanguínea idêntica que explica a primeira progressão familiar, em que os pais e os filhos não podem ter qualquer tipo de ato sexual entre si, estes grupos são qualificados ou considerados pessoas de uma mesma geração ou origem, deixando passar o casamento que era feito dentro da própria família de uma forma carnal, recíproca e exogena.

Na segunda fase que eles denominam de “Família Panaluana”, não é admitido o casamento entre os irmãos e irmãs, não só criando o conceitos do primos e primas, sobrinhos e sobrinhas manifestando-se estas prática como o casamento do grupo em que os irmãos e irmãs se juntam casando entre eles numa sociedade dita comunista. A partir deste conceito de família que vai se impedir o casamento entre as pessoas de um mesmo gênese, constituindo um

conjunto de regras na ordem social e religiosa que irão impedir estes tipos de casamento consanguíneo idêntico.

Na terceira fase a qual Engels denomina de “Familia Sindiásmica”, afirma-se uma prática que separa o estágio de barbárie e selvagem para uma outra prática mais evolutiva, que admitirá o desenvolvimento da família monogâmica onde há o casamento entre um homem com uma única mulher.

Para o olhar europeu as pessoas consideradas de uma mesma linhagem e com uma afinidade de parentesco linear não podem casar. Na sociedade Balanta os casamentos podem ser definidos de forma diferente de parte dos casamentos do ocidente. Não há entre os Balanta o casamento entre as pessoas do mesmo sexo, o casamento nesta sociedade se realiza só entre pessoas do sexo oposto, homem e mulher.

Na sociedade Balanta há dois tipos de casamento: um que se denomina de “*paal*” e outro de “*bassá*”. O primeiro é celebrado quando uma menina não engravida enquanto que o segundo se faz normalmente para as meninas que engravidam antes de realizarem o casamento. No segundo caso, o casamento é feito com o intuito de purificar tanto a menina como o menino que a engravidou.

O casamento *paal*, por sua vez, é aquele no qual a menina não tinha ou não teve qualquer gravidez antes do casamento, e se realiza entre 16 e 18 anos de idade. Nesta altura a menina pode ser selecionada para a cerimônia do casamento caso tenha sido dada a um homem. O casamento se realiza publicamente, de uma forma sucinta, para saber se ela é virgem ou não. Há outro também em que o homem preceitua os pais da mulher com base em um rol de pedidos, elaborados para confirmar seu interesse em fazer parte da família. De uma forma tradicional, quando estas condições são aceitas, a mulher passa a ser tratada pela sociedade como esposa, mesmo que ainda não tenha havido o casamento. Essa prova familiar é levada a sério na sociedade Balanta. O casamento será o público caso a menina não engravide antes do dia marcado para sua realização, e na cerimônia animais serão sacrificados.

Nhuta¹⁷ mostra que tocante à lavagem (Brassá): “[...] para uma menina que engravidasse antes desta cerimônia automaticamente perde o privilégio e passa para a cerimônia de lavagem considerado menos importante, mas que deve ser feito para libertar a menina da maldição antes de unirem com o marido”.¹⁸

¹⁷ Disponível em: <https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf> -

¹⁸ <https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf> - Acessado em 12. Dez. 2018.

De acordo com a cultura Balanta o bem mais valiosos de uma noiva é a sua virgindade, que se torna muito importante na noite do casamento ou momento do casamento. No entanto, perder a virgindade pode tornar-se realmente assustador pela perda da castidade.

Casamento na língua Balanta significa “*Kuassé*” que é a união de duas pessoas de sexos opostos que se juntam criando um laço familiar. O casamento é celebrado conforme os costumes, por vontade dos familiares e com o fim de procriação e efeitos permanentes¹⁹. Na tradição Balanta, os pais normalmente concedem suas filhas a partir de 5 anos de idade à sua tia materna para criá-las a fim de que possam ser idôneas e independentes em diferentes domínios, sobretudo nas tarefas domésticas. Após a idade adulta geralmente estas acabam por se casar na aldeia onde foram criadas. Em função disso, convém ressaltar que o casamento só ocorre quando tanto os pais como as tias concordam.

Conforme Alberto Labana, em entrevista concedida em agosto de 2018, o tio é quem decide o casamento ou são eles que dão maridos para as moças. Mesmo se a tutora ou a tia parterna tiver interesse que a menina se case com o seu marido ou os filhos deste, ela tem que consultar o tio da moça. Se ele estiver de acordo, o futuro marido já pode prosseguir com a busca, que se realiza nos primeiros momentos com a bebida fermentada ou com cachaça de vinho tinto e tabaco. Mas quando este processo é iniciado a mãe sanguínea da criança e o pai devem ser avisados de que a sua filha será dada em casamento. No momento em que os pais da menina são avisados, o futuro esposo tem a obrigação de levar cinco litros de vinho tinto ou cachaça para “abrir a boca do casamento” com os pais.

Segundo Alberto Labana, se os pais da moça e os anciões e anciãs da comunidade beberem a bebida levada pelo futuro marido, significa que o casamento será realizado de uma forma lícita, e o pretendente receberá uma lista do que ele terá que levar no segundo momento, como uma forma de poder juntar toda família que não estava no primeiro momento, em que todos serão informados sobre o casamento. A partir do momento em que a resposta foi aceita pelos pais da moça começa a aliança entre as duas famílias, privilegiando o respeito acima de tudo. O pretendente leva aguardente e tabaco para selar a aliança e em sinal de respeito e de compromisso com a família da futura esposa.

Conforme Rosa N’tambe, em entrevista concedida em agosto de 2018, no que diz respeito a tradição Balanta as meninas nunca são ouvidas no momento da marcação do casamento. Cabe isto ser feito pelos mais velhos, como no caso do tio ou a madrinha – que podemos chamar de tutora – aos quais é dada esta responsabilidade

¹⁹ <https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf> - Acessado em 12.Dez.2018.

Na tradição Balanta uma menina não tem a autoridade de perder a virgindade. Caso ela perca a virgindade, os familiares ficam envergonhados perante a multidão das pessoas que estão assistindo a cerimônia. No entanto isso tudo se aprova com os animais que serão sacrificados perante essa cerimônia, que são as cabras ou que podemos chamar de bodes. Caso os animais urinem significa que a menina não teve relação sexual antes do casamento e ela pode ser coberta com o pano branco na cabeça porque a cabeça para os Balanta é um lugar muito sagrado. Mas caso as cabras não urinem, ela não poderá ter a cabeça coberta – por indicação de falta de virgindade. Neste caso ela passa direto para outra cerimônia chamada “Lavagem” – que é outra forma de purificação –, que não tem tanta importância, mas que deve ser cumprida. Caso a menina não cumpra, acredita-se que ela pode até adoecer. Segundo Ghislane (2016, p. 108) *“estes atos todos têm a ver com as crenças animistas desta etnia, acreditam que o facto de animal não urinar isto está ligado a um sinal da moça não ser mais virgem.”*. O mesmo autor sustenta que:

Existe também uma comunidade Balanta em vez de fazer este procedimento referido acima com a cabra, o fazem com a cabaça colocada na cabeça da moça que se ajoelha na frente da porta da sua casa. No caso dela ser virgem, ela aceita que a cabaça seja emborcada na sua cabeça, em caso contrário deverá segurar a cabaça na mão, para mostrar toda a sua família que ela não é mais menina-moça (Virgem) e a cabaça deve continuar na sua mão para que desse modo, saiba publicamente que ela perdeu a sua virgindade (GHISLANE, 2016, p,108).

Nesta ordem, pode-se afirmar que os Balanta fazem como forma de evitar com que a mulher não venha a ser estéril e por isso devem passar por todo este processo de cerimônia citado acima, como uma forma de purificação e consagração do seu corpo no momento do casamento. Mas se ela tiver relação sexual com um namorado antes do casamento, ela pode explicar para sua madrinha antes da realização da cerimônia da cabra e da cabaça seja realizada e que todos fiquem sabendo que ela não é virgem. Segundo Ghislane Ardjana (2016, p. 108), *“[...] se ela contar antecipadamente isto não vai ser um problema”*.

Na sociedade Balanta não há poliandria, mas sim, a poligamia, onde o homem tem direito de casar com a quantidade das mulheres que ele quiser, dependendo apenas da sua força de trabalho e da sua economia. A mulher, por sua vez, não tem esta autonomia. Às vezes muitas mulheres do povo Balanta trazem outras mulheres para conquistar o amor do seu marido, como também para que estas possam substituí-las nos trabalhos domésticos. Esta prática é bem diferente das do mundo moderno ou europeu, cujas leis impedem a poligamia. No entanto, como salienta Appiah (1997) a sociedade africana hoje está sendo muito influenciada pela cultura ocidental dentro da sua própria cultura tradicional, principalmente a partir do momento

em que os europeus sobrepuseram as suas culturas em detrimento das culturas tradicionais africanas. Isto demonstra que hoje, devido a modernidade, os Balantas estão se adaptando a realidade europeia e muitos não estão mais adotando o casamento com duas ou três mulheres como faziam antigamente.

Sobre isso Carlos Cardoso (1990) fez as seguintes assertivas:

Esta interpretação parte do pressuposto de que a sociedade e a cultura Balanta, tal como a todas as sociedades e culturas, estão sujeitos a influências de determinados valores que em constelações especiais resultam sobre tudo de combinação de elementos da modernidade com elemento da tradição. Este processo de mutação conhece diversas fases em que a preponderância de cada uma das componentes da modernidade e tradição pode alternar. Ora é sabido que durante toda a suas histórias recente os Balantas têm oferecido uma resistência sistemática a todas as influências externas tendo por isso mais ou menos intacta a sua cultura. Porém tudo indica que os processos de transformações porque passou a sociedade Guineense nos últimos quinze anos, referimo-nos as dificuldades econômicos, e aos problemas políticos, obrigou a que os indivíduos e os grupos de indivíduos tentassem adaptar-se a situação de crise. Quer-nos parecer que os Balantas tentarem faze-lo colectivamente (CARDOSO, 1990, p. 7).

Segundo a explicação de Rosa N'també, de 47 anos, casada pela tradição Balanta com o seu marido de nome Bambadinca Biola, o casamento tradicional Balanta tem grande importância devido ao respeito no qual os nubentes têm perante os pais. Ela confirma que o motivo o qual lhe impulsionou a casar pela tradição Balanta relaciona-se ao respeito recíproco entre ela e os seus pais, ainda salientando que, na família em que ela nasceu, todos os mais velhos/as se casaram tradicionalmente. No decorrer da entrevista, Rosa mostrou que o que mais a marcou no seu casamento foi quando ela saiu do campo agrícola e, chegando em casa, nem descansou e seu pai lhe chamou e mostrou o marido com o qual iria se casar sem ela saber.

Nesta perspectiva como uma forma de valorização da tradição Ghislane Ardjana (2016) postula que:

é considerado muito bom, desejado e até esperado o momento quando alguém te dá a uma outra pessoa (homem ou mulher) para casar. E se espera que essa tradição seja mantida – opinião baseada no respeito à preservação dos hábitos e costumes, e aos valores culturais dessas etnias.”. (GHISLANE ARDJANA, 2016, P.98)

Rosa N'també segue afirmando que a diferença entre uma pessoa que se casou pela tradição e quem não se casou pela tradição é bem notada no momento da tomada da decisão dentro da comunidade. Quando há um problema na comunidade pertencente às mulheres, quem se casou pela tradição tem mais prioridade de resolver a situação do que quem não se casou pela tradição.

Segundo Bieinhi Quebi – que não se casou pela tradição, entrevistada em agosto de 2018 – o casamento tradicional Balanta está sofrendo alguma modernização, em que muitas das práticas tradicionais estão em desuso em função da vinda da modernidade. Neste sentido ela citou a religião e os vestuários que implicaram grandes colisões entre o tradicional e o moderno, com a desvalorização dos aspectos tradicionais e valorização dos aspectos modernos. Ainda durante a entrevista, Quebi mostrou que atualmente acontecem muitos divórcios, o que era muito raro há tempos atrás devido ao respeito e a valorização da própria tradição entre os Balantas. Conforme relata, isso pode ser considerado como de grande impacto no casamento tradicional Balanta.

Neste sentido Camiletti (2008) salienta que:

Podemos dizer então, que na modernidade nos deparamos com uma reconfiguração do tradicional. A modernidade propõe uma reinvenção das tradições, rompendo com aqueles valores vinculados totalmente ao passado. As referências certas e seguras proporcionadas pela inquestionável tradição usadas pelos sujeitos como norteadoras no desenvolvimento das suas ações sociais são substituídas por novas referências, reinventadas, reincorporadas. (CAMILETTI GAVA, 2008, P.4)

Retornando ao que relatou Rosa N'també em entrevista, desde emancipação e com a vinda dos aspectos moderno, muitas pessoas foram obrigadas a se converter às religiões consideradas como modernas, o que acabou por exercer grandes influências nos aspectos tradicionais. Nesta perspectiva Carlos Cardoso (1990) demonstra que qualquer destas mudanças resulta da dinâmica vinda do exterior, embora apresentem também outros elementos de influências das religiões cristã e muçulmana.

Bienhi Quebi – de 39 anos, nascido numa família Balanta e que não se casou pela tradição – afirmou em entrevista ter se convertido na igreja evangélica e casado conforme as regras desta. Para ela o casamento tradicional Balanta é um “casamento atrasado”, e neste sentido, ela citou alguns aspectos que considera como negativos nos primeiros momentos do casamento tradicional Balanta, tais como: andar sem calçado, ficar dentro de um quarto durante uma semana, comer o que foi indicado pelos anciões. Ressaltou ainda que estas foram algumas das causas que não lhe motivaram a casar pela tradição. No que refere à diferença entre os casamentos tradicional e moderno, Bieinhi Quebi considera o casamento moderno o mais importante e legítimo por entender que neste o homem e a mulher têm os mesmos direitos, enquanto no tradicional o homem tem direito de casar com a quantidade de mulheres que ele quiser.

Nota-se que Bieinhi considera o casamento tradicional Balanta como um casamento “arranjado”, no qual não houve consentimento entre ambas partes. A sua fala mostrou o entendimento de que casando tradicionalmente a mulher sempre ficaria subalternizada sob a tutela do seu marido.

Segundo explicação de Ghislane Ardjane (2016):

Para estes opositores, o casamento arranjado é tratado como sendo uma prática tradicional na qual não existe um consentimento mútuo dos nubentes, e portanto esta modalidade de união é vista como uma imposição ou casamento forçado, ao menos para uma das partes, em geral a das mulheres. Desde aqui se considera que a parte feminina entraria nele de um modo fragilizado e subalterno ao homem, e de um modo bem mais passivo no que se refere à tomada de decisões sobre com quem e quando se casar (GHISLANE ARDJANA, 2016, p.98).

4.1 INFLUÊNCIAS DA MODERNIDADE NA CERIMÔNIA DE CASAMENTO DO POVO BALANTA

No que diz respeito as influências da modernidade na cerimônia do casamento Balanta, estas estão mais ligadas a questões religiosas da modernidade vindas do ocidente, as quais têm afetado as tradições culturais do povo Balanta, cujas muitas das práticas cerimoniais não estão mais sendo cumpridas como nas eras mais remotas. Conforme Dias Barata Paula (2004):

Com a progressiva influência da Igreja, esta conseguirá impor ao Estado a uniformização do enquadramento legal dos laços conjugais, contribuindo para a universalização de uma só forma e ritual de casamento, que se torna cada vez mais num momento importante na vida do homem(...)Balanta. (DIAS BARATA PAULA, 2004, p.114).

Podemos entender que a nossa vivência contemporânea, numa sociedade dita moderna e ocidentalizada, fundada numa tradição judaica-cristão com pressupostos religiosos e filosóficos fundados na Antiga Grécia, repele as tradições antigas dando mais valor ao viés moderno.

Conforme Dias Barata Paula (2004):

Um olhar que pretenda distanciar estes factos e tomar a influência do paradigma cristão sobre a evolução dos modos de vida privada e do casamento desde a Antiguidade como objecto de análise descobrir-nos-á, fatalmente, imersos nessa realidade, por ela enformados, e, por isso, menos sensíveis às profundas diferenças que existem entre o discurso moral da Antiguidade e o que emergiu e se propagou com o cristianismo. (DIAS BARATA PAULA, 2004, p.101-102).

No que diz respeito ao pressuposto da modernidade não podemos falar do cristianismo como um elemento principal das repercussões tradicionais, esquecendo dos aspectos Bíblicos como elementos das influências do cristianismo nas mudanças de um novo paradigma no meio do casamento tradicional Balanta. Na contemporaneidade podemos entender que a Bíblia é um dos pressupostos que condena o casamento tradicional, dando mais valor ao casamento consagrado pela Igreja, com o consentimento do nubentes, sem a intervenção das cerimônias ditas tradicionais. Isso é uma das grandes mudanças surgidas no seio das cerimônias do casamento tradicional Balanta. Segundo Da Costa (2012) “*Com a separação da igreja criou-se o advento do protestantismo e seu predomínio nalguns países Europeus como a Inglaterra, retirou a igreja o controlo do casamento submetendo o ao Estado*”. (DA COSTA MANUELA, 2012, P.2).

Para Dias Barata Paula (2004), por sua vez:

A Bíblia é bastante polifônica na abordagem desta realidade: o “AT(...) (Antigo Testamento)” fala-nos de patriarcas polígamos, como Abraão, que toma a serva Agar como concubina, com o acordo da sua esposa Sara, ou como Jacob, que toma por esposas Lia e Raquel. Nestes dois casos, a motivação da fertilidade sobrepõe-se, numa sociedade que não parece pôr obstáculos à poligamia. (DIAS BARATA PAULA, 2004, P.102).

Com uma análise do casamento na era moderna, no que diz respeito à tradição tardia, é que na era mais antiga a mulher era considerada um ser de estatuto tutelado, sob propriedade do pai e que passava para o marido como um ser desprovido de vontade própria, sem seu próprio consentimento.

Para uma mulher Balanta, casada tradicionalmente, no dia de sua morte, antes de ser sepultada, realizam-se todas as cerimônias que são feitas quando falece um *Alanten Ndan* (literalmente homem velho), a última fase do homem Balanta. Isso ocorre pelo casamento tradicional Balanta ser considerado de suma importância. Mas não quer dizer que se falecer uma menina que não se casou pela tradição não se realizem quaisquer cerimônias. No entanto, estas serão diferentes, porque uma mulher casada na tradição, para os Balantas, é considerada de status mais elevado.

Durante as entrevistas feitas no intuito de compreender a influência da modernidade sobre a prática do casamento tradicional Balanta, constatou-se que a modernidade é um fenômeno que tem contribuído para a interrupção da prática do casamento tradicional, fato sinalizado após entrevistas feitas com dez pessoas, das quais todas - correspondentes a 100% - afirmaram que atualmente a prática do casamento tradicional Balanta caiu em desuso por

grande parte da população jovem e adulta, como consequência trazida pela questão global e da modernização. Assim sendo, verifica-se que a tendência das pessoas é distanciar-se cada vez mais dos elementos tradicionais e aproximar-se dos costumes modernos, procurando preocupar-se com aquilo que são necessidades básicas. Por outro lado, de acordo com análise obtida nas entrevistas, pode-se afirmar que uma parte considerável da população residente nas zonas mais rurais da Guiné-Bissau tem um determinado conhecimento sobre o casamento tradicional Balanta, incluindo as suas práticas e manifestações.

Os casamentos religioso e civil chegaram com a modernidade, especialmente nos séculos XIX e XX. Antes da colonização e das independências, o casamento tradicional continha os outros dois (3 em 1), quer dizer, tinha o valor cultural, religioso (porque se informava aos antepassados através da cerimônia (...) que se realiza no (*Frang*), civil (porque era reconhecido pelo régulo/líder da comunidade e nenhuma família poderia realizar a cerimônia sem o conhecimento do régulo). (TIMBANE ANTONIO ALEXANDRE, 2017, P.44-45)

Assim, entendemos que a modernidade trouxe um marco simbólico que podemos chamar de igualdade de gênero, concepção que surgiu no ocidente como um valor universalista entre homens e mulheres. Podemos analisar que no casamento moderno tanto o homem como a mulher adotam o mesmo direitos dos seus cônjuges, sem que haja diferença. A forma democrática se manifesta pela igualdade jurídica de todos, tanto do homem como da mulher. Conforme Da Costa (2012):

Este impedimento visa a consagração do princípio da monogamia que deriva do conceito de igualdade de direitos deveres do homem e da mulher no casamento assim como o próprio conceito de casamento que se assenta numa plena comunhão entre marido e mulher (DA COSTA, 2012, P.2).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco deste trabalho consistiu na reflexão sobre as mudanças ocorridas no casamento tradicional Balanta em função das constantes transformações sócio culturais, e os seus impactos no contexto desta mesma sociedade, com a vinda da modernidade. É notório que o modo como se realiza o casamento atualmente é muito diferente do que se fazia outrora, e muitos jovens não estão mais encarando esta prática do casamento dito tradicional. Neste sentido, percebe-se que as influências externas acabaram por entrar em colapso com a tradição.

É sabido que a vida de um Balanta está fortemente ligada a natureza e voltada a sua religião, porque para eles a natureza é a força vital e, em função disso, as grandes cerimônias do povo Balanta são realizadas na mata, um lugar de conforto onde afirmam poder se comunicar com os ancestrais. Os Balantas não acreditam na morte, porque supõem que esta é uma viagem a um outro universo. Deste modo, quando morre um homem Balanta junto a seu corpo é colocada grande quantidade de panos, e sacrificada uma grande quantidade de gados bovinos, que serve de encomenda para os já foram.

No decorrer desta pesquisa concluímos que as tradições Balanta, em particular o casamento, tem sofrido algumas transformação ao longo do tempo devido às influências externas trazidas pelas novas sociedades com caráter ocidental. Este processo faz com que a sociedade Balanta esteja cada vez mais perdendo as suas tradições antigas, ao tempo em que adota novas, baseadas no modelo ocidental.

Ouro aspecto relevante trazido pela modernidade para a sociedade Balanta se refere ao “direito a escolha entre homem e mulher”, em que tanto o homem como a mulher têm direito de fazer a sua escolha sobre com quem pretende casar. Mulheres teriam, assim como os homens, o que podemos chamar de “direito ao casamento”, porque existem leis que permitem a liberdade de escolha dentro da sociedade. Difere, portanto, do casamento tradicional Balanta, uma sociedade desprovida da lei magna o que justifica a falta de liberdade da noiva em fazer a sua própria escolha do marido com o qual pretende casar.

No que tange ao direito de escolha na casamento Balanta, as mulheres nunca foram privilegiadas ou ouvidas para fazer as suas escolhas, tendo tudo recaído sob a tutela dos mais velhos, no caso dos tios e madrinha e também os próprios pais. Atualmente, com a chamada modernidade, houve uma mudança na prática cerimonial do povo Balanta em que muitos não estão mais aderindo ao modelo mais antigo da sua celebração, adotando o modelo europeu. Deste modo, devido as influências externas, pode-se dizer que tudo está em plena mudança.

Grosso modo, o casamento tradicional Balanta às vezes gera grande quantidade dos gastos, que pode acontecer desde quando o noivo se apaixona por uma menina, com o consentimento dos pais. Daí adiante ao noivo será dada uma lista dos pertences que terá que levar no dia do casamento, para além do que ele tinha levado na busca pela própria noiva. Em função disso, os jovens Balanta fazem frequentemente o comércio do arroz para o sustento das pessoas que poderão participar no dia da cerimônia do casamento. Isto também contribui, na visão da sociedade Balanta, como uma forma de valorização das mulheres. Elas não possuem direito a escolha, por outro lado não têm despesas no momento do casamento, recaindo essa obrigação para o noivo juntamente com as suas famílias.

Atualmente tem havido o preconceito de uma forma crescente no seio de alguns Balantas, que efetivamente acharam por bem que casamento tradicional não seja incondicional, porque consideram a nova forma do casamento moderno a mais importante, e por isso não se casam tradicionalmente. Para alguns, as pessoas que permanessem adeptas do modelo antigo do casamento - que podemos chamar de casamento tradicional - são considerados pessoas retrógradas e incivilizadas.

A realização do casamento tradicional Balanta, na contemporaneidade, tem sofrido muitas mudanças e aquilo que era valorado antigamente, como a virgindade, está deixando de sê-lo. Nos dias atuais, com os novos paradigmas, cada um tem o direito de fazer aquilo que pretende. Com isso, me faz lembrar de uma frase que a minha mãe sempre dizia em língua Balanta: “*SELE MAT DÉ SELE*” que significa *filho de peixe é peixe, nunca o peixe vai gerar um réptil, mas sim aquático*. Com isso podemos fazer uma breve interpretação ou uma análise da sociedade Balanta, na contemporaneidade, mostrando que desde quando nascemos, em qualquer que seja a sociedade, estamos numa integração daquela própria sociedade, todas as práticas que ali existem são aquelas que iremos incorporar. No entanto, muitos Balantas hoje não conseguem falar a sua própria língua materna devido as influências da modernidade e das mudanças sociais que seguem ocorrendo.

REFERÊNCIAS

ARDJANA, Ghislaine F. L. Robalo. **A Tradição De Casamento Arranjado Nas Etnias Balanta E Mandinga Na Guiné-Bissau.**, 2016

BAZZAN, Cátia. **Origem do casamento.** Por que nos casamos? Disponível em: <https://www.luzdaserra.com.br/origem-do-casamento-por-que-nos-casamos>. Acesso em: 23/03/19

CAMILETTI, B. Giovana; SANT'ANNA, R. Sergio. **Tradição e Modernidade: uma Reflexão sobre os Desencaixes nas Paneleiras de Goiabeiras (Vitória/ES).** V encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD- BH/MG- 2008.

CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo balanta.** Lisboa: Colibri, 2010

CARDOSO, Carlos. **Ki-yang-yang: uma nova religião dos balantas? Soronda.** Revista de Estudos Guineenses, Bissau, n. 10, p. 3-15, jul. 1990

DA COSTA, Manuela Maria. **O casamento.** Sol nascente-Revista do centro de investigação sobre ética aplicada/CISEA/2012.

DIAS, B. Paula. **A influência do Cristianismo no conceito de casamento e de vida privada na Antiguidade Tardia.** Ágora. Estudos Clássicos em Debate 6- 2004.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Netz. 6. ed. Porto Alegre: Arted, 2005

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** DP&A Editora. Rio de Janeiro, 2006.

KWAME A. **Apphia Na casa do meu pai.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

LANDERSET, Simões. **Babel negra: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné.** Porto: o comércio do porto, 1935

MALUNGA, Didier. MUZZI, Mariana. **Casamentos Prematuros – Instrumentos Internacionais, Regionais Africanos, Legislação nacional em países Africanos e em Moçambique.** Maputo, Abril de 2014

MBEMBE, Achille. **As formas de Africanas de Auto-escritura.** Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, 2001, pp. 171-209.

MENDY, Peter Karibe. **A herança colonial e o desafio da integração.** Soronda. Revista de Estudos Guineense, Bissau, n. 16, p.295 , jul. 19943

MFOUNGUE, B. Cornélia. **Le mariage africain, entre tradition et modernité. Étude socioanthropologique du couple et du mariage dans la culture gabonaise.** These de Doctorat d'Université Paul-Valéry — Montpellier III arts, lettres, langues, sciences humaines et sociales école doctorale n° 60 « territoires, temps, sociétés et développement » UFR V — Science du Sujet et de la Société. Mai, 2012

OLIVEIRA, Olavo Borges; HAVIK, Philip J.; SCHIEFER, Ulrich. **Armazenamento tradicional da Guiné-Bissau-produtos, sementes e celeiros-Bissau**. Lisboa: Munster, 1996.

PINTO PAULO. **Tradição e modernidade na Guiné-Bissau: Uma perspectiva interpretativa do subdesenvolvimento**. 2009

SIA GABRIEL ISNA, Danças do povo brasa (balanta) da guiné-bissau na contemporaneidade: kussunde, kanta po e broska, 2016

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos balanta: usos, costumes e rituais**. 2015. 68 f. Monografia (Bacharel em Humanidades) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2015

TEIXEIRA DUMAS JACINTO RICARDINO. **Sociedade civil democretização na Guiné-Bissau, 1994-2006**. /2008

TIMBANE, A .Alexandre, NHA VENGE, P. Florência. **A Diversidade Cultural em África: O Caso Do Casamento Tradicional No Grupo Étnico Tsonga Do Sul De Moçambique**. V79, N.04.2018.

WIREDU, Kwasi. **Como não se deve comparar o pensamento africano com o ocidental**. 1984.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica do descobrimento e conquista da Guiné**. Sintra: Francisco Lyon de Castro, [1948?].

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Roteiro Entrevistas

Entrevista realizada com pessoas que não se casaram pela tradição

As perguntas que postas foram:

- ❖ Por que você não se casou pela tradição?
- ❖ Você acha que casar na tradição é perda de tempo, não tem a relevância?
- ❖ Mas o que lhe motivou a não se casar pela tradição?

APÊNDICE 2 - Entrevista realizada com pessoas que casaram pela tradição

As perguntas que postas foram:

- ❖ Qual é importância do casamento Balanta no seio de mesma sociedade e nas outras sociedades?
- ❖ Será que casar pela tradição pode trazer impactos negativos no seio da sociedade em que você vive?
- ❖ O que lhe impulsionou a se casar pela tradição?
- ❖ Qual é a sua visão perante o casamento Balanta atualmente e no passado? Como era e o que se modificou?